



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO – PPGEN
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO



Programa de
Pós-Graduação
em Ensino

DAIANA FLORES LEÃO SANTOS OLIVEIRA

ACONTECEU EM DEUS DARÁ

VITÓRIA DA CONQUISTA-BA
2020

DAIANA FLORES LEÃO SANTOS OLIVEIRA

ACONTECEU EM DEUS DARÁ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino, na área de concentração de Ensino na Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo

**VITÓRIA DA CONQUISTA-BA
2020**

O48a

Oliveira, Daiana Flores Leão Santos.

Aconteceu em Deus Dará. / Daiana Flores Leão Santos Oliveira, 2020.

70f. il.

Orientador (a): Dr. Renato Pereira de Figueiredo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Programa de Pós Graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, 2020.

Inclui referência F. 61 - 62.

1. Ensino. 2. Saberes da tradição - Narrativa. 3. Complexidade. 4. Educação –
Reflexão. I. Figueiredo, Renato Pereira de. II. Universidade Estadual do Sudoeste
da Bahia, Mestrado Acadêmico em Ensino- PPGEn.

CDD: 370

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO

Aconteceu em Deus Dará


Autora: Daiana Flores Leão Santos Oliveira

Data de aprovação: 17 de fevereiro de 2020


Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

Área de concentração: Ensino na Educação básica

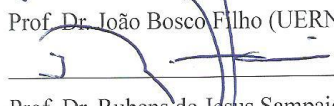
BANCA AVALIADORA:



Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo (UESB)



Prof. Dr. João Bosco Filho (UERN)



Prof. Dr. Rubens de Jesus Sampaio (UESB)

A todos da família Flores por fazerem parte destas histórias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o autor da minha vida, por me presentear com mais esta conquista, tornando este percurso possível; por fazer da minha história de vida, história da minha família, fragmentos de vida que pudessem não apenas servir para minha aprendizagem, mas também contribuir neste trabalho para a reflexão e aprendizagem de tantos leitores.

Ao meu esposo, Leandro Menezes, um dos maiores incentivadores na minha vida, que me inspira para continuar tentando e fazendo acreditar que, no fim das circunstâncias, tudo dará certo; por ser meu companheiro durante horas de estudos, contribuindo com suas leituras e sugestões, sempre cuidadoso, atencioso e compreensivo; responsável por me proporcionar momentos para além deste processo acadêmico, que me serviram como oxigênio para continuar a trilhá-lo com dedicação.

À minha avó Maria Lícia, uma das pessoas que mais contribuíram para a realização deste trabalho; a partir da convivência, inspirou-me com as lembranças compartilhadas sobre nossa família. Reconheço que, sem as suas contribuições, seria improvável esta pesquisa ter sido realizada desta forma.

À minha mãe, Sandra Cristina, e às minhas irmãs, Pollyanna e Débora, por sempre me apoiarem e fazerem parte das minhas conquistas. À minha sobrinha, Ariane, pela inocência de criança e por me proporcionar momentos de leveza e alegria. À minha avó paterna, Iraci, e a meu pai, Vanildo, pelo amor e apoio durante a vida. Aos meus sogros, Valdionor e Nádia, por me acolherem como filha, sempre compreensivos e contentes. Aos meus cunhados, Danilo e Bruno, pelo apoio.

Ao meu bisavô Lauro Flores (in memoriam), um homem que foi tão admirável, com histórias de vida que marcaram não apenas aqueles que tiveram a oportunidade de conviverem com ele, mas também por contribuir muito para a minha aprendizagem, tanto na minha vida pessoal como também para o exercício da minha profissão como educadora da Educação Básica.

Aos familiares e amigos que conviveram com o meu bisavô Lauro Flores, Irênio, Raquel, Helena, Vavi, Zefa, Lia, Miguel, Zelita, que compartilharam recordações tão caras para eles e que contribuíram para a construção deste trabalho.

Ao meu orientador, Renatão, que me apresentou uma nova perspectiva de se fazer pesquisa científica, por permitir momentos em que fosse possível olhar para dentro de mim e perceber histórias pertinentes à minha formação, a partir do meu

autoconhecimento, com aprendizagens que levarei para toda vida. Não posso deixar de mencionar que você quase conseguiu ficar nervoso nas orientações e que foi com você que aprendi muito sobre a complexidade humana que nos ensina Edgar Morin, pois, no mesmo encontro, você demonstrava o quanto era dotado de razão, loucura, emoção, do imaginário e de uma imensa sabedoria.

A todos do Grupo de Estudo e Pesquisa em Ensino e Conhecimento Científico (GEPECC): Márcia, Luna, Lucineide, Beatriz, Guacyra, Pyerre, Nadja, Kelly e Ana Emília; pelas contribuições nos estudos semanais, nos eventos, passeios e viagens que realizamos juntos. À docente Márcia, nossa mentora do GEPECC, pelos esforços em sempre contribuir com sua participação, carinho e atenção para com todos do grupo. A Luna, por ser acolhedora, meiga, prestativa e ter sido tão receptiva no ano em que ingressei no mestrado.

Aos meus docentes do curso de licenciatura em Química por contribuírem para que nós, estudantes, continuássemos prosseguindo nos estudos, em especial, ao professor Maurício Silva, um dos educadores que marcaram a minha trajetória no curso de licenciatura em Química como referencial de educador, meu maior incentivador na escolha do mestrado em Ensino. Muito obrigada, reconheço que valeu a pena!

Aos professores participantes da banca de qualificação e defesa: Bosco Filho, que se desloca do seu estado para vir participar dos momentos solicitados por nós na cidade de Vitória da Conquista, e Rubens Jesus, pelas considerações que tanto contribuíram para esta pesquisa.

Ao Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) e, em especial, a Conceição de Almeida e Josineide de Oliveira, que acolheram o GEPECC na cidade de Natal com tanto carinho; por se deslocarem, sempre que solicitadas, para contribuírem nas nossas pesquisas.

Aos docentes do Programa de Mestrado Acadêmico em Ensino e aos funcionários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

A todos que foram os meus educandos, pelos encontros inspiradores dentro da sala de aula, que me possibilitaram refletir durante o processo de construção deste trabalho.

Às agências de fomento UESB e CAPES, que disponibilizaram as bolsas de Mestrado durante o curso.

Por fim, muito obrigada a todos os envolvidos durante este percurso.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Lauro Silveira dos Santos Flores.....	65
Imagem 2: Joaquina Lopes Ferraz Flores e Lauro Silveira dos Santos Flores.....	66
Imagem 3: João Jerônimo e Maria Madalena.....	67
Imagem 4: Sogros de Lauro Flores: Rafael Lopes Moitinho e Tereza Lopes Ferraz.....	67
Imagem 5: Maria Lícia Flores e Daiana Flores na casa da Fazenda Deus Dará.	68
Imagem 6: Registro das letras iniciais do nome Lauro Flores e do ano em que foi construída a casa grande em Deus Dará	68
Imagem 7: Caminho na fazenda Deus Dará por onde percorri para me encontrar com os guardiões das histórias de Lauro Flores.	69
Imagem 8: Escola Municipal Lauro Flores, no povoado de Pau de Espinho - BA.....	70
Imagem 9: Rua Lauro Flores/Belo Campo - BA.	70

RESUMO

Esta pesquisa tem como elemento central um texto narrativo que utiliza das histórias de meu bisavô, Lauro Flores, na região em que viveu, Fazenda Deus Dará, no início do século XX, como estratégia para refletir sobre o ensino. Para o desenvolvimento deste trabalho, inicialmente, ouvi histórias compartilhadas por aqueles que considero guardiões das histórias do meu bisavô e, a partir destas, recriei uma narrativa numa roda de conversas, norteadas pelas temáticas: o tempo, saberes da tradição e ética. Além de mim, participam desta roda de conversas Lauro Flores, Conceição de Almeida, Francisco Lucas da Silva e Daniel Munduruku, como se fosse uma oficina do pensamento, em que cada um foi experimentando e ajustando as ideias do outro, a fim de torná-las compreensíveis para um número maior de pessoas. Seus fios foram tecidos pela contribuição de cada um dos integrantes, o que me possibilitou refletir sobre a vida do meu bisavô como um educador complexo e um intelectual da tradição. A partir disso, como responsabilidade desta pesquisa, torno-me uma docente com a tarefa de permitir que a sala de aula seja um espaço aberto onde os discentes consigam expressar as suas ideias, experimentar diferentes pontos de vistas, valorizar as suas histórias, a partir de um diálogo aberto e respeitoso entre os saberes; para alcançarmos novos conhecimentos tecidos em conjunto e, dessa forma, como aconteceu a partir da roda de conversas, diminuir a distância entre os conhecimentos considerados antigos, não válidos e aquilo que, hoje, é considerado científico. Finalmente, neste tempo presente, reconheço que fomos presenteados na região Deus Dará com uma narrativa que pode ser usada de diferentes formas para pensarmos nos vínculos da sociedade tradicional como contribuição para refletirmos sobre a educação deste século.

Palavras-chave: Ensino, complexidade, saberes da tradição.

ABSTRACT

This research has as its central element a narrative text which uses the stories of my great-grandfather, Lauro Flores, in the region where he lived, Fazenda Deus Dará, at the beginning of the twentieth century, as a strategy to reflect on teaching. For the development of this work, I initially listened to stories shared by those who I consider guardians of my great-grandfather's stories and, from these, I recreated a narrative in a talk wheel, guided by the themes: time, knowledge of the tradition and ethics. In addition to me, Lauro Flores, Conceição de Almeida, Francisco Lucas da Silva and Daniel Munduruku participate in this conversation, as if it were a workshop of thought, in which each one was experimenting and adjusting the ideas of the other in order to become understandable to more people. Its threads were woven by the contribution of each member, which allowed me to reflect on the life of my great-grandfather as a complex educator and an intellectual of the tradition. From this, as responsibility of this research, I become a teacher with the task of allowing the classroom to be an open space where students can express their ideas, try different points of view, value their stories, starting from an open and respectful dialogue among the knowledge; in order to reach new knowledge woven together and thus, as happened from the task wheel, to reduce the distance among knowledge considered old, not valid, and what is considered scientific today. Finally, at this present time, I recognize that we have been presented in Deus Dará region with a narrative which can be used in different ways to think about the bonds of the traditional society as a contribution to reflect on the education of this century.

Keywords: Teaching, complexity, knowledge of the tradition.

SUMÁRIO

PARECE ATÉ QUE FOI ONTEM.....	11
OFICINA DO PENSAMENTO COM LAURO FLORES	14
PARA PENSAR E AGIR EDUCADORES E ESTUDANTES.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
GLOSSÁRIO	63
ANEXOS	65

PARECE ATÉ QUE FOI ONTEM

Tudo o que existe tem uma história. Este trabalho também tem a sua, e ela começou bem antes do meu ingresso no programa de Pós-Graduação em Ensino. Iniciou-se pelas minhas lembranças da infância na fazenda Deus Dará, em um universo de brincadeiras e de um contato mais próximo com a natureza. Cercada pelo canto dos pássaros, o som do vento balançando as árvores, colhia frutas no pomar, com os pés descalços, em contato direto com a terra; tomava banho nos riachos, uma calmaria que me inundava de paz e me enchia os olhos pela beleza da natureza.

Meu maior entusiasmo era quanto à chegada das férias e à ida para a fazenda. Juntamente aos primos, acordava disposta para brincar durante todo o dia, brincava nos terreiros, nos balanços amarrados nas árvores, nas redes dentro de casa, passeávamos a cavalo, em um tempo em que era possível passear, quando criança, pelas estradas sem a companhia de um adulto. Subíamos na cela de um mesmo cavalo, dois ou até três primos, e na carroça, onde fazíamos muito barulho, mesmo apertados, juntos com uns galões grandes de água que buscávamos a uns dois quilômetros para utilizarmos no uso doméstico.

Parece até que foi ontem. Todas as noites, na enorme casa¹ da fazenda, ficávamos conversando e ouvindo várias histórias, contadas por meus avós e amigos; histórias que escutava enquanto criança e que passaram a ter novos sentidos no ano de 2018, quando participei de um seminário intitulado “Fronteiras Borradas”, organizado pelo Grupo de Estudos da Complexidade – GREGOM, em Natal-RN; ano em que o grupo comemorou 25 anos de existência, em um encontro organizado com pesquisadores de outras instituições ligados ao grupo.

Esse seminário foi conjugado ao projeto de extensão “Estaleiros dos saberes”, que, de forma análoga, procura a interface entre os saberes científicos e os saberes da tradição. A apresentação do projeto centrou-se em uma dinâmica, em palestras e testemunhos que repõem a origem e história do Estaleiro por parte dos que o idealizaram, por meio de depoimentos dos participantes e representantes dos municípios cogestores.

¹ Casa construída há quase cem anos pelo meu bisavô Lauro Flores e minha bisavó Joaquina Lopes, no ano de 1922; composta por quatorze cômodos espaçosos, paredes com espessura de 40 centímetros e 8 metros de altura, cumeeira com 15 metros de comprimento e 40 centímetros de largura, ripas enormes, sótãos, portas e janelas grandes, pisos formados por ladrilho de tijolo, calçada alta de pedra e um enorme terreiro (quintal) na frente.

Ouvi relatos de pesquisas realizadas pelo GRECOM que oferecem à cidade uma oportunidade de entrar em contato com os saberes mais diversos, das mais diferentes áreas; por depoimentos que apresentavam outras interpretações do mundo, saberes que, muitas vezes, são considerados sem rigor, sem método e fundamento. Enquanto escutava os testemunhos, recordei-me das histórias da minha família sobre o meu bisavô Lauro Flores, um homem considerado sábio para tratar das doenças das pessoas na região em que viveu, na fazenda Deus Dará, município de Belo Campo-Bahia, no início do século XX.

Nesse encontro em Natal, fui inquietada para conhecer mais sobre as histórias do meu bisavô e passei a percorrer a fazenda por várias vezes a fim de ouvir mais das recordações de amigos e familiares que conviveram com ele; semelhante ao personagem Antônio Biá, no filme *Narradores de Javé* (2003), quando percorreu a região para registrar as histórias que lhe eram contadas pelos moradores. Embora muito mais do que perguntas e respostas, foi pela convivência com minha avó Maria Lícia, filha de Lauro Flores, desde a minha infância até os dias de hoje, que foi possível conhecer muitas das histórias do seu pai.

Por guardarem recordações tão caras para a construção deste trabalho, considero estas pessoas que compartilharam das histórias de Lauro Flores como guardiões das histórias do meu bisavô; contadores de histórias que me inspiraram para registrá-las por meio da narrativa que compõe este trabalho, como estratégia para refletir sobre ensino, complexidade e tradição, como forma de eternizá-las.

A narrativa é construída por uma roda de conversas inspirada nos textos de Daniel Munduruku (2005), em que o autor narra conversas ao pé da fogueira sobre histórias compartilhadas por pessoas mais velhas, consideradas sábias, para lembrar os mais novos das suas raízes, seu passado, sobre o ato de educar (se); na tradição do pensar indígena, por uma valorização do respeito ao saber do outro, num exercício de pertencimento proporcionado pela interação com elementos da natureza.

Roda de conversas construída pela articulação entre razão e imaginação reúne participantes que não viveram na mesma época e não compartilharam dos mesmos lugares. Conceição de Almeida, estudiosa dos saberes da tradição há mais de vinte e cinco anos, responsável por construir a noção de um intelectual da tradição; Francisco Lucas da Silva, colaborador das pesquisas de Conceição de Almeida, um intelectual da tradição que desenvolve a arte e um método para ouvir e ler a natureza à sua volta; e Daniel Munduruku, conhecedor das ideias da tradição do seu povo e autor da literatura infantil e

juvenil, integram a roda de conversa do meu imaginário enquanto pesquisadora e que constitui o elemento central desta pesquisa.

Norteadas pelas temáticas *o tempo, saberes da tradição e ética*, essa roda de conversa utiliza-se das histórias de Lauro Flores no diagnóstico, tratamento e cura de enfermidade das pessoas naquela comunidade como estratégia para entrelaçar essas temáticas. Os diálogos foram extraídos dos textos dos próprios autores além das histórias que ouvi enquanto percorri a fazenda Deus Dará.

Por fim, para a construção deste texto narrativo, foi necessário distanciar-me de um olhar explicativo e objetivo, próprio da área de Química, que sempre utilizei nas produções de textos que apresentam resultados minuciosos com o objetivo de justificá-los e compará-los. Em uma nova perspectiva, essa narrativa foi construída no intuito de possibilitar ao leitor as suas próprias reflexões conforme as suas leituras sobre modos de conhecer que ultrapassam as fronteiras das áreas disciplinares, com pensamentos e estratégias de métodos que podem ser recorridos por professores em suas práticas educacionais no contato vivo entre os estudantes.

OFICINA DO PENSAMENTO COM LAURO FLORES

Uma noite, na fazenda Deus Dará, quase impossível esquecer, estávamos sentados em frente à casa grande e em volta da fogueira, eu e Lauro Flores, quando chegaram alguns viajantes, Conceição de Almeida, Francisco Lucas e Daniel Munduruku, e pararam em frente à porteira e nos perguntaram se ali morava um homem que abrigava na rancharia ao lado da sua casa alguns viajantes. No mesmo instante, Lauro Flores os convidou para entrar.

Lauro Flores: É aqui mesmo, sou eu, Lauro. Podem entrar, a porteira está aberta. Esta é a minha bisneta, Daiana. Vamos para a rancharia, lá vocês poderão passar a noite, tem um espaço grande para esticarem as esteiras e um fogão à lenha para prepararem um cafezinho. Por aqui passam muitos tropeiros, que ficam à noite e, no dia seguinte, seguem viagem.

Conceição de Almeida: Prazer em te conhecer, seu Lauro. Sou Conceição de Almeida, mas pode me chamar de Ceixa mesmo. Este é o meu amigo Chico Lucas (nome carinhoso de Francisco Lucas) e Daniel Munduruku. Estamos indo para Vitória da Conquista e resolvemos parar por aqui para descansarmos. Vou estender aqui as esteiras e as cobertas que trouxemos para deitarmos mais tarde.

Lauro Flores: Como ainda está cedo, vamos ficar um pouco proseando debaixo do pé de jatobá, em volta da fogueira, para aquecermos, e depois vocês voltam para a rancharia.

Daniel Munduruku: Vamos sim, Lauro, será muito bom prosearmos!

O Tempo

Daniel Munduruku: Estou muito contente em poder sentar nesta roda com vocês para batermos papo. Entre o meu povo, da tribo Munduruku, sempre conversamos ao pé da fogueira. Momento como esse aqui é precioso, a gente tem que sentar, a gente tem que ter tempo para ouvir o que o outro tem para dizer. A gente senta e conversa.

Entre o meu povo, desde criança, nós aprendemos que, ao chegar em um lugar, precisamos dizer às pessoas como nós estamos, como nos sentimos. O bom encontro é aquele em que nós aprendemos, é este encontro nosso, em uma atitude de ouvir e uma atitude de falar, é uma troca. Nós trocamos uns com os outros, e, nesse ato de trocar, a gente vai crescendo, aí o encontro acontece verdadeiramente. Tem uma particularidade

dentro do meu povo, a gente não tem o hábito de cumprimentar as pessoas através do toque físico, embora a gente faça isso quando está na cidade também, mas, na nossa tradição, aprendemos que, quando a gente quer cumprimentar alguém, a gente tem que chegar perto da pessoa, olhar bem nos olhos e, olhando nos olhos, a gente pergunta se está tudo bem, aí a pessoa que foi cumprimentada dessa maneira, ela tem a obrigação de falar a verdade. E vocês sabem que, pra gente falar a verdade para as pessoas, a gente precisa ter tempo, né?

Daiana Flores: É mesmo, Daniel! Sempre gostei muito desse contato com as pessoas aqui da região, por serem atenciosas. Quando vou em alguma casa para fazer uma visita, os donos são bem acolhedores, param suas atividades para dar atenção, contam as histórias dos amigos e perguntam um tanto de coisa. O tempo aqui parece que é outro.

Lá em Conquista é mais corrido, quase não tenho tempo nem para fazer uma visita, bater papo; para fazer uma visita, é muito mais difícil, precisa coincidir o horário que tenho disponível com o horário da pessoa que vou visitar. É uma correria até para sentar e conversar com os mais próximos da família. Se não me esforçar para estes encontros acontecerem, mesmo que seja algo essencial, esses momentos deixam de ser prioridade; ainda mais nessa era digital, quando não tenho tempo de encontrá-los, falo pelo *whatsapp* mesmo, envio uma mensagem, um áudio ou faço chamada de vídeo. Como praticamente quase todo mundo hoje se comunica pelas redes sociais, fica bem prática essa comunicação.

Conceição de Almeida: Mas não podemos permitir que, nesta correria em que vivemos, encontros como este aqui que estamos vivenciando sejam substituídos pelos bate-papos nas redes sociais, em relacionamentos rasos, sem aprofundamento. Sei de um livro, *Sociedade do cansaço*, em que o autor, Byung-Chul Han (2019), filósofo, sul-coreano, faz crítica sobre como essa nossa sociedade do século 21 tem utilizado as redes sociais, o quanto os novos meios de comunicação estão destruindo cada vez mais a relação com o outro. É uma crítica aos tempos de hoje, em que as pessoas se expõem como mercadorias nas redes sociais, ganhando visibilidade, produzindo informações e acelerando a comunicação.

Daiana Flores: Por incrível que pareça, realizei a leitura deste livro esses dias. Achei bem interessante como o autor apresenta o significado original da palavra produção, que não significa fabricação e confecção, mas levar para adiante, tornar visível algo. Apresenta, no vernáculo, um significado no uso pejorativo de produzir-se, no sentido de comportar-se como fanfarrão, fazer-se importante. Para o autor, as pessoas

desta sociedade só começam a ter valor quando são vistas e expostas, por isso são transformadas em mercadorias, quando divulgadas nas redes sociais.

Daniel Munduruku: Digo para vocês que esse é o barulho que a sociedade atual desenvolveu, o barulho do consumo do pensamento; que é assim que atua a propaganda, o *marketing*. Quer dizer, criam-se imagens que, por sua vez, criam necessidades nas pessoas. E os nossos olhos são os principais captadores de estímulos, estímulos que vão direto para nossa mente. O que entra por nossos olhos a mente quer consumir, nesse mundo cheio de poluição visual.

Daiana Flores: Por dia, devem ser postadas milhões de fotos no *facebook* e no *Instagram*.

Lauro Flores: Acho que essa facilidade das informações que vocês têm hoje poderia ter me ajudado muito para ficar por dentro de vários assuntos. Na minha época, aqui em casa, não tinha energia elétrica, muito menos rádio, televisão, telefone. Mas sempre fui curioso; para ficar por dentro das notícias do mundo, todos os dias, na tardezinha, eu visitava meu cunhado em sua casa e escutava os programas de rádio do *Repórter Esso*. Agora, como vocês estão falando, esse negócio de trocar o contato humano pela internet, não concordo.

Daiana Flores: Também acho, vô (Lauro Flores). Quem me conhece sabe que uso e gosto muito das redes sociais, mas percebo que, realmente, o uso excessivo pode interferir no convívio social das pessoas. Como sou formada em licenciatura em Química, nas escolas em que trabalho, percebo esta interferência no modo de viver dos estudantes. Nas reuniões com os pais durante o ano letivo, eles trazem discussões sobre suas inquietações quanto ao uso excessivo dos filhos nos celulares, por permanecerem muitas horas envolvidos nas redes sociais e não cumprirem com suas atividades. Inclusive, os próprios estudantes em sala de aula apresentam essas discussões e expõem sobre suas dificuldades, por se sentirem presos aos jogos eletrônicos e nas salas de bate-papo, falam que não conseguem se desprender com facilidade para o cumprimento das atividades escolares de forma organizada.

Daniel Munduruku: Por isso eu acho que, na minha comunidade, ainda acontece este milagre do contato físico, a gente senta e prosea, a gente senta e bate-papo, escuta o que o outro tem para dizer. Como dizem os nossos avós da tribo Munduruku, quando a gente pergunta para as pessoas se está tudo bem, olhando nos olhos dela, a gente tem que se dispor a ouvi-la. E isso ainda é possível ser vivenciado por uma comunidade tradicional

porque a gente não é regido pelo mesmo tempo da cidade, que é o tempo do relógio, da fábrica, da escola, que é o tempo da produção, enfim, o tempo de produzir coisas.

Daiana Flores: Daniel, esses dias, eu estava fazendo uma leitura em que o autor, Bosco Filho (2015), teve uma experiência bem sobre esses encontros. Ele compartilhou sobre uma experiência que teve quando foi visitar uma comunidade rural e foi surpreendido pelo acolhimento recebido. O autor fez até uma reflexão sobre o quanto este tipo de acolhimento se distanciava, muitas vezes, dos acolhimentos nos grandes centros urbanos, que se caracterizam mais como um ato mecânico diante do outro. E, muitas vezes, com a correria do dia a dia, estamos permitindo que as nossas relações sejam mecânicas, falo até pelos meus próprios relacionamentos lá em Conquista.

Percebo, nos ambientes que frequento, até mesmo no trabalho. Uma vez, quando precisei substituir uma professora de uma escola, no Ensino Médio, percebia que muitos estudantes queriam compartilhar as suas histórias do dia a dia comigo, mas os nossos encontros eram tão corridos que não dava para conversarmos. Era muito corrido, às vezes, nossas aulas aconteciam em apenas um encontro de 50 minutos. Teve um dia que senti a falta de uma estudante em sala e, quando perguntei para alguns dos seus colegas mais próximos o motivo pelo qual ela não tinha comparecido na aula, antes de seus colegas terminarem de tentar explicar o motivo, os outros em sala estavam agoniados fazendo perguntas sobre o assunto, porque o horário da aula já estava acabando. Era assim, já saía de uma turma correndo para a outra.

Daniel Munduruku: Entre o meu povo, a compreensão do tempo é diferente do tempo da cidade, esse tempo da cidade é um tempo linear, que tem sempre um começo, meio e fim. O tempo indígena, ao contrário, é um tempo circular, que não tem essa mesma lógica, é um tempo em que só existem dois tempos, o tempo passado, que é o tempo da memória, e o tempo presente. Esse tempo passado nos lembra quem somos, de onde viemos, qual é o caminho que temos que traçar para viver bem esse tempo presente. Essa compreensão da circularidade é que nos permite ir lá no passado, buscar tudo o que precisamos para fortalecer e para garantir o nosso presente. Esse passado é trazido para nós pelas narrativas dos nossos avós, mas o que nós temos de concreto mesmo é o agora, esse tempo, esse momento, hoje.

Lauro Flores: Aqui em Deus Dará, há muito tempo atrás, vivemos este tempo circular, não ficávamos ansiosos como as pessoas de hoje, preocupadas com o dia de amanhã, como as crianças e os jovens, que já pensam no que vão ser quando crescerem. Vivemos plenamente cada fase. Quando eu era menino, era muito diferente dos dias de

hoje; como a poesia de Casimiro de Abreu que gosto de recitar, “Oh! Que saudades que tenho da aurora da minha vida, da minha infância querida que os anos não trazem mais”.

Daiana Flores: Hoje é muito diferente, vô, como no ditado popular, “vivemos correndo contra o tempo” para conseguirmos cumprir com as nossas tarefas.

Conceição de Almeida: Realmente, essa correria é comum entre todos da cidade. Por isso, Byung-Chul Han (2019) define esta sociedade como a sociedade do cansaço, formada por sujeitos que trabalham em excesso, que são cada vez mais rápidos e produtivos em uma crescente sobrecarga de trabalho, que torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção à multitarefa que realizam. O autor chama a atenção para a realização desta multitarefa e afirma que não representa nenhum progresso da nossa civilização, mas, pelo contrário, trata-se de um retrocesso. Inclusive, faz associação entre esta multitarefa com a forma de viver dos animais da selva, por se tratar de uma técnica de atenção indispensável para a sobrevivência desses animais, como ele bem descreve.

Daiana Flores: Como é profunda esta relação feita do cidadão da nossa sociedade com um animal da selva, em uma sociedade que, segundo o autor, tem a preocupação por sobreviver e não pelo bem viver. Quando realizei a leitura deste livro, fiquei muito pensativa com esta comparação, quando o autor descreve o animal na selva se alimentando, que, ao mesmo tempo em que o animal precisa se atentar, enquanto come, para a mastigação, precisa se ocupar também com outras atividades, para não ser comido, manter o olho no parceiro, dividir sua atenção em muitas atividades.

Daniel Munduruku: O sujeito desta civilização de hoje que você acabou de descrever realiza todas estas tarefas numa preocupação em sobreviver não apenas no presente, mas também preocupados com o futuro. Por isso que, na língua Munduruku, não existe a palavra futuro e não existe por um motivo muito simples, porque o futuro não existe. Em função dessa nossa compreensão do tempo, toda a nossa educação, ela é organizada, em um sistema educativo que foi sendo desenvolvido a partir da compreensão do presente como um presente. Temos que viver plenamente esse momento, sejamos crianças, jovens, adultos ou velhos. Por isso nós não fazemos essa pergunta famosa que a cidade sempre faz para as crianças: o que você vai ser quando crescer? Porque entendemos que a criança já é tudo o que ela precisa ser, uma criança. E cabe aos adultos oferecer plenamente todas as condições para que ela seja plenamente criança.

Daiana Flores: Estamos precisando aprender com os ensinamentos que este tempo circular proporciona.

Conceição de Almeida: Sem falar das várias doenças que estão acarretando essa população da sociedade do cansaço, como nos lembra também Byung-Chul Han (2019), das doenças neuronais, como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL), a Síndrome de Burnout (SB), que têm atingido as pessoas deste século como consequência do excesso do desempenho do sujeito em suas tarefas, o que ocasiona um infarto da alma.

Daiana Flores: Confesso que me entristeci quando realizei a leitura deste livro por perceber nas relações que o autor descreve muito das circunstâncias que vivencio atualmente. Lembro de uma dinâmica que realizei em sala de aula, em que muitos adolescentes e jovens expuseram suas angústias por conviverem com ansiedade excessiva, desânimo constante, tristeza, que os prejudicavam de alguma forma para a execução das suas atividades escolares.

Sem falar das notícias que circulam com frequência sobre suicídios de pessoas que sofreram dessas doenças. Tem uns dois dias que fiquei sabendo de um caso bem triste, de um professor que se suicidou dentro da sala de leitura da escola em que trabalhava; segundo as notícias dos seus colegas, ele sofria de depressão. Um mês anterior a este acontecimento, fiquei sabendo de um estudante de um colégio que também tinha se suicidado. Infelizmente, estas notícias estão sendo constantes.

Daniel Munduruku: Por isso que sempre falo que as pessoas dos grandes centros urbanos precisam aprender um ensinamento que meu velho avô Apolinário me ensinou uma vez, uma coisa tão bonita, que me surpreendeu na última vez quando fui à aldeia. Ele me chamou de lado e, deitado na rede, sussurrou ao meu ouvido: “Existem apenas duas coisas importantes que as pessoas precisam saber para viver bem suas vidas: 1) nunca devem se preocupar com coisas pequenas; 2) todas as coisas são pequenas”.

Daiana Flores: É isso mesmo, reconheço que, em muitos momentos, acabo valorizando as coisas pequenas e, por isso, fico preocupada e ansiosa sem necessidade. Preciso adentrar neste tempo circular que Daniel e vô Lauro estão compartilhando.

Conceição de Almeida: Como também propõe Byung-Chul Han (2019), quando nos faz um convite para adentrarmos numa época de celebração de festa que já foi vivida há muitos anos. Para o autor, quando entramos em uma celebração de festa, estamos em um tempo que não pode ser acelerado nem desacelerado e nos demoramos, em uma pausa que não pode significar para nós apenas uma recuperação do trabalho, para podermos continuar funcionando.

Daniel Munduruku: Vou compartilhar mais um dos ensinamentos do meu avô Apolinário. Um dia, meu avô me convidou para tomar banho no Igarapé que corria perto da aldeia. Ao chegar no rio, ele me pediu que fosse até uma queda d'água, sentasse numa pedra e observasse todos os movimentos que o rio fazia. Enquanto permaneci ali, ele não se moveu do lugar. Passaram-se muitas horas. Então, ele se levantou e me chamou dizendo: “Hoje você aprendeu algo novo. Nunca se deixe levar pelo barulho interior. A gente tem que ser como um rio. Não há empecilho no mundo que o faça sair do seu percurso. Ele caminha lenta, mas constantemente. Ninguém consegue apressar o rio. Nunca ninguém vai dizer ao rio que ele deve andar rápido ou parar. Nunca apresse o rio interior. A natureza tem um tempo e nós devemos seguir o mesmo tempo dela”.

Daiana Flores: É viver aprendendo e valorizando a cada tempo, porque a nossa vida é muito passageira, como diz a letra da música Trem-Bala,

Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar
E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar
Também não é sobre correr contra o tempo pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás
Segura teu filho no colo
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir
-Ana Vilela

Francisco Lucas: Que letra bonita! Costumo dizer, o tempo nos ensina muita coisa, e não podemos fazer da nossa vida um rascunho, porque o tempo pode não dar tempo para passar a limpo.

Saberes da tradição

Francisco Lucas: Quando eu era criança, também não tinha essas preocupações. Aos sete anos de idade, sempre prestava atenção na natureza. A minha primeira atividade foi cunhar uma enxada, porque eu trabalhava mais meu pai na agricultura. Eu sempre fui ligado às previsões de chuva e de seca. Isso eu aprendi com o meu pai. Ele era um agricultor e sempre prestava atenção na natureza. A minha vivência foi no trabalho com ele, e eu, toda a vida, tive a curiosidade de perguntar as coisas a ele. Quando tinha o formigueiro e a gente estava trabalhando numa vazante, na pegada do inverno, e o formigueiro se retirava, ele dizia: "Vai chover. Eu vou parar o trabalho da vazante porque

o inverno vai pegar"; porque a formiga que morava na beira d'água saía para o tabuleiro. Quer dizer, são essas coisas que eu prestei atenção, e elas são, durante o tempo que eu venho observando, corretíssimas. Ninguém pode dizer que não é verdade, porque é verdade.

Daniel Munduruku: Como Chico, também aprendemos a partir deste contato com a natureza; o material de estudo está dado pela própria natureza, a criança aprende a partir daquilo que ela está vendo, daquilo que ela explora, daquilo que ela utiliza pro seu crescimento no pescar, caçar, fazer arco e flecha, limpar peixe, cozê-lo, buscar água, subir na árvore.

O povo indígena não faz divisões na vida, não tem hora para brincar e hora para aprender, hora para cantar e hora para não cantar. Não tem horário em que as crianças têm de praticar judô ou balé. É tudo um conjunto, quer dizer, é uma vida que está sempre em harmonia. É possível aprender enquanto se brinca, brincar enquanto se aprende, contar histórias junto com os adultos, enquanto eles observam, sempre, para que as crianças pratiquem bem as próprias ações. Educar para os nossos povos é um processo fundamental, e as nossas crianças são ensinadas a viver com o ambiente não de uma forma separada, mas de uma forma integrada, de modo que elas se percebam parte do ambiente.

Francisco Lucas: É desse jeito que estudo, estudo observando a natureza. Com a idade que eu tenho, levei um tempo para observar as coisas, estudar o que eu via, mas isso foi o que eu estudei. O meu pai, nas bocas de noite, nessas noites de escuro na época de dezembro, que dava muito bem pra gente ver o carreiro, ele olhava e dizia: "É, meu filho, em janeiro não vai chover porque o carreiro não está imitando". São essas coisas que a gente grava e presta atenção. Então, quando vai aparecer chuva, que o tempo vai mudar, o carreiro me diz que faz parte da natureza.

Lauro Flores: Verdade, esse contato mais próximo com a natureza nos possibilita vários ensinamentos. Na época de verão, quando olho para o céu, que as nuvens estão carregadas, ventando norte, é porque a chuva está aproximando.

Daniel Munduruku: Aprendemos com leitura das pegadas dos animais, o voo dos pássaros, os sons do vento nas árvores, o crepitar do fogo, as vozes da floresta em suas diferentes manifestações.

Francisco Lucas: Neste silêncio da noite, apenas quebrado pelo barulho do fogo, o movimento das folhas nas árvores, som do grilo.

Lauro Flores: Este som produzido pelo sapo.

Francisco Lucas: Este “cacarejo” do sapo que estamos escutando. O sapo esturra, parece que o macho avisa a fêmea que a fecundação está próxima. Eles só esturram quando está próximo de chover.

Lauro Flores: É mesmo, Chico. Como na época de verão, quando a chuva está aproximando, quando olho para o céu, que as nuvens estão carregadas, ventando norte. Hoje escutei os pássaros acauã cantando; quando estão cantando, é sinal que a chuva do verão está chegando por aqui. As rãs também dão sinal que vai chover. Quando vem o verão, após a chuva, as cigarras cantam.

Francisco Lucas: E, na época do inverno, quando começam as chuvas, mas para de chover dois ou três dias, observamos o gado. Pela manhã, vamos buscar o gado no cercado. O gado está malhado, com a frente para o poente, quer dizer, dando os quartos para a chuva. Quando ele se levanta, ele tem um modo de dar com os quartos, ficar patinando. Aí a gente diz: “Hoje vai chover!”, e é certo. Pode esperar que duas, três horas da tarde, a chuva está caindo.

Lauro Flores: A vaca, quando entra no cio, o reprodutor fica ciuando dela, se a gente passar por perto, o marruás ciúma mesmo.

Francisco Lucas: As formigas fazem uma barragem quando estão esperando chuva. É para a água da chuva não correr para dentro da casa. Na morada, tem até um desnível para a água da chuva não entupir a morada.

Daiana Flores: Sempre fui muito curiosa para entender como alguns insetos se organizam; quando criança, ficava parada só observando o carreiro que as formigas faziam, uma atrás da outra, levando alguns alimentos para o formigueiro. Lembro de um trabalho que fiz no curso de Química que me ajudou a entender um pouco sobre a organização de alguns insetos; quando um dos professores do curso pediu que nós, os estudantes, apresentássemos um assunto de química, com algumas substâncias químicas. Enquanto estudei o assunto em casa para a apresentação do trabalho, percebi que os compostos químicos que o professor tinha pedido estavam presentes bem na comunicação entre os insetos. Curiosa para entender mais de perto a organização de alguns insetos, fui até a UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) para visitar o setor de apicultura. Lá, gravei até um vídeo entrevistando um dos funcionários responsáveis pelo manejo do espaço de criação das abelhas para o momento da apresentação do trabalho. Até hoje tenho este vídeo no computador.

Fiquei impressionada pela organização das colmeias; nas divisões das tarefas das abelhas, tinha a abelha-rainha (fêmea reprodutora) e as operárias (não-reprodutivas). As

abelhas eram reconhecidas pelas funções que exerciam na colmeia; as operárias consideradas guardas, quando realizavam comportamentos de defesa; algumas ficavam ao redor da colmeia e em volta da abelha-rainha tentando protegê-la; tinha as operárias que realizavam as atividades de manutenção, as operárias construtoras dos favos, as operárias que realizavam a coleta de líquido e as que faziam as coletas de larvas.

Levei a gravação do vídeo para a apresentação do trabalho em sala, e os meus colegas ficaram surpresos por perceberem a presença dos compostos químicos na comunicação entre as abelhas.

Francisco Lucas: Isso mesmo, as abelhas também ajudam na polinização de muitas plantas.

Daiana Flores: Acho muito interessante como esses insetos se organizam, são chamados até de insetos sociais por conta das várias interações entre eles. Hoje, tem grupos de pesquisas que se dedicam a estudarem a organização dos insetos por meio da comunicação química. Os feromônios são esses sinais químicos envolvidos na comunicação que apresentam uma grande variedade em sua composição química. São, provavelmente, os sinais químicos utilizados no controle do fluxo de trabalho e atribuição de tarefas nas colônias².

Francisco Lucas: São os e-mails que a natureza manda sempre. Mas só compreende quem sabe ler a natureza. Porque é observando a transformação da natureza que você lê a natureza.

Conceição de Almeida: São as escalas de afastamento de leituras do mundo. Esses seres imersos na natureza, o sapo, as formigas, que, quando percebem que vai chover, a formiga que morava na beira d'água saía para o tabuleiro; os insetos, por estarem absolutamente mais próximos da natureza, estão no primeiro nível de leitura do mundo.

Podemos falar de um segundo contato mais próximo, este de Chico, Daniel e Lauro, que convivem com intimidade com estes leitores da natureza, que desenvolvem uma escuta e uma visão apurada dos fenômenos físicos, do comportamento dos animais e plantas e das dinâmicas climáticas. São estas construções de conhecimentos das populações daqueles que denomino tradicionais, dos intelectuais da tradição, das sabedorias edificadas longe dos bancos escolares e da educação formal.

² OLIVEIRA, Lucas Amaral. **Variações nos perfis de hidrocarbonetos cuticulares associadas ao polietismo etário em *Polybia paulista* (Hymenoptera:Vespidae)**. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, 2013, 53 p.

Um terceiro nível são os conhecimentos científicos, a Ciência, pelo afastamento maior em relação aos objetos que pretende conhecer, dos quais fala, aos quais imputa sentido e edifica interpretações. Este saber que Daiana falou que buscou quando estava no curso de licenciatura sobre os feromônios, pelo afastamento maior com os objetos que ela pretendia conhecer. Esses níveis, contudo, não correspondem a níveis superiores e inferiores de conhecer.

Lauro Flores: Intelectuais da tradição?

Francisco Lucas: Eu não tive a oportunidade de estudar. Quando eu era criança, a escola que eu tive foi com o meu pai. Fiquei muito frustrado porque tinha uma curiosidade grande para aprender, mas a gente precisou trabalhar para sobreviver e frequentei a escola pouco tempo. Meu pai era agricultor, era um homem totalmente do campo. Meu pai, vendo que eu tinha muita vontade de aprender, comprou uma cartilha de ABC e ensinou o alfabeto. Com ele é que me viro até hoje. Foi a escola que eu tive. As contas também aprendi com meu pai. Ele tinha um pequeno comércio e fazia contas. Eu aprendi as contas que ele fazia. Ele era bom de matemática. Tudo o que ele sabia me ensinou, como a conta de cubação. Os trabalhadores chegavam com as empreitas e entregavam aquelas tarefas para meu pai cubar. Eu, ligeiramente, quando meu pai fazia aquela cubação, já ia pegar aquelas medidas e fazia as contas que meu pai fazia. Entregava a ele e dizia: "Ó, papai, veja se tá certo!".

Conceição de Almeida: Os intelectuais não se limitam aos portadores da cultura científica. São pessoas como Chico Lucas, que se distingue pela maneira de observar os fenômenos com mais atenção e por criar métodos específicos para conhecê-los, explicá-los; lapidadores das representações, capazes de tratar informações e transformá-las em conhecimento; lapidadores e criadores de representações que recebem denominações distintas nas diversas sociedades e tempos históricos: xamãs, pajés, curandeiras, conselho de anciãos, sacerdotes, cientistas.

Daiana Flores: Pois é, Ceíça, por causa da minha formação escolar, nunca pensei na possibilidade de um intelectual nas culturas tradicionais; para mim, intelectual era apenas aqueles que estavam imersos nas instituições universitárias.

Conceição de Almeida: Intelectual não é sinônimo de cientista ou acadêmico. Intelectual é, mais propriamente, aquele que faz da tarefa de transformar informações em conhecimento como uma prática cotidiana, permanente. O intelectual é um artista do pensamento, porque dá forma a um conjunto de dados, aparentemente sem sentido e desconexo. Por isso, podemos falar de intelectuais da tradição e intelectuais acadêmicos.

Esses intelectuais não se opõem pela natureza ou grau de excelência e rigor de suas construções representacionais, se distinguem apenas por privilegiar certas estratégias cognitivas, determinados domínios de referência, modelos mentais condicionados por suas experiências de vida, disseminação de seus conhecimentos pela escrita ou pela oralidade e assim por diante.

Daiana Flores: Compreendi. Então, os saberes da tradição não são senso comum.

Conceição de Almeida: Essa é um alerta bem importante desde que entendamos por senso comum um conhecimento cotidiano pouco lapidado, casual, fruto das impressões primeiras, não refletido metodicamente, sem crítica. Diferente do senso comum, os saberes da tradição arquitetam compreensões com base em sistematizações reorganizadas de forma contínua.

Daniel Munduruku: Os nossos velhos na tribo Munduruku são os grandes mestres tradicionais. Meu velho avô Apolinário não sabia ler, nunca havia viajado para outros lugares e, no entanto, era possuidor de uma sabedoria. Era um homem de poucas palavras, mas de sabedoria infinita. Ele me convidava para andar pela aldeia e me ensinava tantas coisas.

Daiana Flores: Daniel, nem imaginava que, nas aldeias, vocês compartilhavam destes ensinamentos. Nunca apreendi muito sobre os índios, teve até um dia lá no centro de Conquista que uns índios passaram por perto de mim rapidamente, que fiquei bestinha, parecendo que estava vendo algum personagem destes de histórias de filmes, fiquei parada só observando as vestes, cocares, penas, colares.

Passei a conhecer sobre as organizações de algumas tribos indígenas quando no mestrado realizei algumas leituras de um antropólogo, Lévi-Strauss, que realizou estudos de campo entre algumas tribos indígenas aqui no Brasil, em 1934, em que viveu durante uns três anos. Fiquei surpresa quando realizei a leitura de um dos livros de Lévi-Strauss (1989), *O pensamento selvagem*, em que o autor descreve de forma minuciosa os sistemas de organização dos conhecimentos primitivos, por vários sistemas de classificação, categorias representadas pelas espécies animais por uma exigência lógica, em subdivisões das espécies animais e vegetais, que, até então, pensava que estivessem presentes apenas nos conhecimentos científicos; pois desconhecia esta forma de organizar o conhecimento destas civilizações.

Conceição de Almeida: Realmente, Claude Lévi-Strauss teve uma vida dedicada quase integralmente ao mundo acadêmico, à pesquisa e, principalmente, ao desafio de compreender a universalidade e a diversidade da cultura humana. Um dos maiores

pensadores, que influencia a evolução das ideias na tão letrada sociedade francesa. E, como você percebeu na leitura do livro *O pensamento selvagem*, para Lévi-Strauss, a objetividade não é uma exclusividade do pensamento científico, e, como regra geral, todas as sociedades, cada uma por sua vez, tendem a realçar e defender a natureza objetiva de suas representações e conhecimentos. A originalidade do conhecimento primitivo se enraíza em modelos mais sistêmicos de pensar, não sendo esses modelos inferiores ou superiores aos da Ciência. Não há diferença de natureza ou de grau, mas de estilos ou estratégias de pensar, como comentei anteriormente nos três níveis de conhecimento. Essa é a tese insistentemente discutida por Lévi-Strauss em toda a sua obra.

Daiana Flores: O autor ainda diferencia pensamento selvagem de pensamento do selvagem, fala que não há um pensamento do selvagem, mas um pensamento selvagem, cujas estratégias se diferenciam pelo fato de operar por meio de atributos mais totalizadores da sensibilidade.

Conceição de Almeida: Lévi-Strauss nos alerta; o pensamento selvagem não se revela como uma forma distorcida ou arcaica do nosso, mas como uma experiência dotada de lógica interna, que é tão ou mais exigente e rigorosa quanto a elaborada pelo pensamento civilizado ocidental. E esse pensamento selvagem é formado pelas experiências sensíveis e perceptíveis dos povos primitivos no contato com a natureza.

Daiana Flores: Que interessante! Se formos incluir os povos primitivos na escala de conhecimento que Ceiza disse, os primitivos estudados por Lévi-Strauss pertencem ao segundo nível de conhecimento. E, assim, tanto os primitivos quanto os intelectuais da tradição apresentam um pensamento selvagem.

Conceição de Almeida: Sempre gosto de chamar a atenção de que Ciência é um tipo particular de saber, pautada por métodos, regras, critérios e formas de organização de informações que lhe são próprias e evoluem, no interior da comunidade científica e no decorrer de sua história. Se considerarmos o conjunto dos saberes construídos pela cultura humana, podemos dizer que o conhecimento científico é a parte visível de um imenso iceberg.

Daiana Flores: Nas escolas, não paramos para pensar sobre esses diferentes saberes. Teve uma vez que aconteceu uma situação interessante entre uns estudantes. No final da aula, enquanto estava organizando meu material para sair da sala, escutei um grupo de estudantes debaterem entre eles. Uma moça estava fazendo uma crítica sobre saberes de crenças religiosas que o seu colega apresentava, afirmava ser um absurdo as pessoas apresentarem certos tipos de crença que idolatram e hierarquizam acima de tudo.

Contestada pelo seu colega, ele tentava explicar o oposto, buscava afirmar a importância das suas crenças e o quanto os conhecimentos científicos estavam sujeitos a erros; uma tentativa dos estudantes de um excluir a ideia do outro, de forma a hierarquizar uma destas formas de pensar.

Me aproximei e comentei: vocês já pararam para pensar que, em todo o tempo, fomos ensinados a hierarquizar um conhecimento, a aceitarmos um e excluirmos o outro? Já pensaram sobre a possibilidade de um diálogo respeitoso entre os saberes? Não me refiro apenas a estes conhecimentos das crenças com os escolares, mas entre outros que nem percebemos relevância nos nossos dias. Para vocês, qual seria a diferença entre os conhecimentos de um morador do campo que observa a natureza, as nuvens e olha para o céu e informa que vai chover para um noticiário que assistimos no jornal que apresenta as variações do clima?

Os estudantes ficaram pensativos.

Daniel Munduruku: Você colocou alguns piolhos na cabeça dos educandos.

Lauro Flores: Nunca separei minhas crenças do que estudava. Pelo contrário, um saber ajudava no outro. Sempre gostei muito das leituras de Chico Xavier e anotar suas frases nas minhas meditações. Ele incentiva a cultivarmos a fé em Deus e agirmos sempre buscando servir. Foi desse jeito que busquei viver, em uma vida de harmonia entre fé, estudo e serviço.

Daiana Flores: Vô Lauro, tem um texto de Lévi-Strauss (1975), bem interessante, que me ajudou a compreender como esses fenômenos são inseparáveis da condição humana. O texto narra um parto indígena quando ocorrem complicações e a parteira precisa de ajuda no parto, e manda chamar o xamã, líder espiritual, para ajudar com a cura xamânica. O xamã realiza um canto mítico, relacionado aos espíritos que atuam nos órgãos do corpo e que são responsáveis pelas complicações do parto, que auxilia os espíritos a retomarem suas funções de colaboração. Trata-se de uma medicação puramente psicológica que envolve diretamente o estado patológico.

Conceição de Almeida: Lévi-Strauss (1975) enfatiza que o fato da mitologia do xamã não corresponder a uma realidade objetiva não tem importância, pois a paciente nela crê e é membro de uma sociedade que nela crê.

Daiana Flores: O conhecimento do líder espiritual auxilia no trabalho da parteira. Um saber complementa o outro, diferente do que tentamos fazer quando buscamos hierarquizar os saberes. No livro *Lições do vivo*, de Bosco Filho (2015), o autor retrata novas perspectivas que buscam romper com o modelo linear de tratamento à saúde que

conhecemos, numa nova perspectiva que leva em consideração os aspectos culturais e da religiosidade do sujeito no seu processo de cuidado. O tratamento acontece por meio de encontros num clima cordial entre participantes e profissionais de saúde, que se comunicam mútua e diretamente, com o objetivo de controlar a hipertensão arterial e da diabetes, por meio do cuidado do corpo e da mente. Como complemento do tratamento, utilizam dos elementos culturais, entre eles, a religiosidade. Os participantes apresentam benefícios referentes à melhoria da saúde, muitas vezes, verbalizados por eles próprios, tais como: redução do estresse e da depressão, diminuição dos níveis pressóricos, aumento da autoestima, da socialização, da interação familiar e bem-estar geral.

Conceição de Almeida: A esse respeito, eu entendo que os fenômenos míticos, espirituais, mágicos, religiosos são experiências comuns a toda a espécie humana, em todos os tempos, em qualquer cultura. E, mais do que isso, são fenômenos arcaicos, isto é, fenômenos permanentes e nunca suprimíveis nem separáveis da condição humana. Mas, quando nos conteúdos escolares, é feita alguma menção a outras interpretações do mundo, a elas são imputadas as qualidades de um conhecimento sem rigor, sem método, sem função, um saber menor.

Daiana Flores: Se nos meus trabalhos escolares e acadêmicos eu realizasse alguma referência de interpretação do mundo que não fosse científica, este trabalho não seria confiável. Aprendi desta forma.

Conceição de Almeida: Não é perder o rigor nos trabalhos que são feitos nas escolas. Pelo contrário, quanto mais se dialoga com as várias dimensões mutantes de um fenômeno, mais rigorosa será a interpretação e requer mais cuidado, mais flexibilidade, mais sensibilidade e abertura de pensamento.

Lauro Flores: Como Daniel falou, vocês estão colocando alguns piolhos na minha cabeça. Quando falaram sobre os saberes da tradição, me identifiquei como uma pessoa que reconhece esses saberes, e, quando falaram sobre conhecimento científico, também me identifiquei entre aqueles que buscam esse conhecimento. Uma pessoa pode buscar desses dois saberes ou tem que conhecer e utilizar apenas um?

Conceição de Almeida: Essa é a proposta (risos), transitar entre os diversos saberes. Edgar Morin, autor da Teoria do Pensamento Complexo, afirma ser um ‘contrabandista de saberes’ por transitar livremente entre as arbitrárias divisões entre as ciências da matéria, da vida e do homem. Ele é um ‘artesão sem patente registrada’, que tem dificuldade de se definir por uma área específica do conhecimento, licenciado em História, Geografia e Direito.

Lauro Flores: Percebam, cresci em contato com a natureza e com os ensinamentos das pessoas aqui da região, dos saberes de longos anos, pela nossa experiência de vida, aprendemos a sobreviver e compreender o mundo em que vivemos distantes das escolas; sempre nesse contato mais próximo com a natureza, que nos possibilitou desenvolvermos nossas atividades na agricultura, na pesca.

Daiana Flores: O senhor nasceu aqui na região, vó?

Lauro Flores: Nasci em Cachoeira do Gavião, no Distrito de Tremedal, Comarca de Condeúba, em 1898. Entre os anos de 1913 e 1914, fomos morar numa fazenda no Porto de Santa Cruz, Cândido Sales, passamos um ano por lá. No ano de 1918, meu pai veio para esta região de Belo Campo, onde conheci minha esposa, Joaquina Lopes. Quando casei, estava com 20 anos de idade, e construímos esta casa em 1922; lugar onde criamos todos os nossos 14 filhos (Manoel, Maria, Tereza, Rafael, Dativa, Hercílio, Geny, Silvia, Laurita, Raquel, João Jerônimo, Maria Lícia, Aracy e Maria Helena). Aqui na região, com a disposição de muitas plantas, aprendi que podem ser utilizadas como medicamento para tratar as doenças. Os meus filhos, quando crianças, não iam no médico, eu sempre preparei os medicamentos com o uso de plantas medicinais, sabugueiro, erva-cidreira, capim-santo, babosa, fedegoso, angélica. Dediquei minha vida para estes cuidados.

Francisco Lucas: Ô, Lauro, pisamos na medicina da natureza e nem percebemos. Meu pai dizia pra gente que as plantas que reagem logo eram as plantas que continham o antibiótico sarante. Não tinha farmácia em sua época, as farmácias deles eram esses arrelíquios de plantas que eram feitos mesmo em casa.

Conceição de Almeida: Esses são os saberes que fazem parte dos numerosos conjuntos de saberes construídos pelos intelectuais da tradição que se propagam por gerações pela oralidade e que não restringem a sabedoria por meio de palavras escritas.

Lauro Flores: Então, além destes saberes aqui da região, busquei estudar novos conhecimentos para além daqui. Meu pai, João Jerônimo, era professor, e também aprendi muito em leituras feitas nos livros, revistas, jornais. Pai me ensinou a ler e escrever. Escola mesmo, não tinha, nem cheguei a frequentar.

Daiana Flores: Eu li num livro que conta a história de Belo Campo e seus municípios, como aqui em Deus Dará, do autor Roberto Lettière (2008), que as primeiras escolas municipais surgiram em 1936, e pouco aprendia nos bancos escolares. No século XX, até a década 60, não havia o curso Ginásial, só a partir da década 70 que foi criado o ginásio para os estudantes completarem os estudos até o atual 9º ano.

Lauro Flores: Isso mesmo, em casa mesmo, pai me ensinava junto com os meus irmãos. Éramos muitos filhos, vinte e cinco filhos. Eu sou o terceiro filho mais velho de pai. Como minha mãe, Maria Madalena, faleceu nova, quando eu tinha 10 anos de idade, pai casou de novo, minha mãe foi a sua primeira esposa e, quando faleceu, deixou dez filhos. Pai casou pela segunda vez, teve mais dez filhos, a sua segunda esposa também faleceu nova, e pai casou pela terceira vez e teve mais cinco filhos.

Sempre admirei meu pai pela facilidade que tinha de nos despertar para querermos conhecer mais das histórias que compartilhava, ele tinha uma facilidade de nos contar histórias que nos deixava encantados, ficávamos em silêncio e atentos para ouvir. Eu e meus irmãos amávamos sentar no colo de pai para ouvirmos ele compartilhar dos seus ensinamentos. Acho que foi assim que surgiu em mim o interesse pela leitura; desde criança, me interessava pelos livros do meu pai e, com isso, cresci em busca de novas leituras. Vou ali dentro da casa buscar alguns destes livros que tenho e que gosto de ler para mostrar a vocês.

Daniel Munduruku: Somos a continuação de um fio que nasceu há muito tempo atrás... Vindo de outros lugares... Iniciado por outras pessoas... Completado, remendado, costurado e... Continuado por nós.

Lauro Flores: Tenho estes livros aqui do autor Júlio Ribeiro, estas coleções das revistas *Seleções*, *O cruzeiro* e as coleções das novelas. Nestas revistas, tem algumas reportagens sobre as notícias mundiais, que envolvem política, histórias de vida com lições de moral, arte, romance, poesia.

Daiana Flores: Puxa, vô, vejo que, realmente, não se conteve com os conhecimentos presentes aqui da região e buscou outros conhecimentos para além dos que estavam disponíveis aqui em Deus Dará.

Lauro Flores: Foi, minha neta, mesmo sempre morando distante da cidade, sem ir à escola, procurei ter acesso a outros conhecimentos que ultrapassam estas fronteiras, relacionando nossa forma de viver aqui, os acontecimentos da região com o outro lado do mundo. Tenho estes dois livros, o *Formulário* e o *Dicionário de medicina popular*, do médico Pedro Luiz Napoleão Chernoviz.

Daiana Flores: Muitas pessoas da família já me falaram sobre esses livros que o senhor utilizou. Um livro grande, de capa escura e do autor Chernoviz. Fiquei tão curiosa para saber sobre o livro e seu autor que tanto falaram que realizei leituras em alguns artigos para conhecer sobre a trajetória deste autor. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz foi estudante de medicina, foi obrigado a deixar seu país, na Polônia, onde nasceu, e refugiou-

se na França, onde concluiu sua formação na Faculdade de Medicina. Ele veio para o Brasil, no Rio de Janeiro, em 1840, casou com uma brasileira de família francesa e mudou-se para Paris em 1855³.

Lauro Flores: Estes livros eram considerados como conhecimento sofisticado da época; os médicos, em Vitória da Conquista, utilizavam.

Daiana Flores: Ô, vô, tem aquela história que Irênio, seu genro, gostava de contar, sobre tio Du, que era dentista e professor em Belo Campo.

Lauro Flores: Sei qual é. Du era meu amigo, prosávamos demais. Ele vivia escrevendo poesia e lendo livros de poesias.

Daiana Flores: Irênio me contou que tio Du teve um problema em um olho. Foi em Conquista, no Doutor Luís Barreto, um médico amigo de Du e do senhor, vô Lauro. O doutor falou para ele que o problema dele nos olhos era raro e que, no momento, não lembrava do nome do remédio que estava no livro de Chernoviz. Então, o médico fez um curativo no olho dele e pediu para que ele voltasse à tarde, que iria procurar no livro e ver se descobria o nome. Ceíça, quando tio Du chegou na rua, encontrou vô Lauro, contou que já havia ido ao médico e que ele não lembrava o nome do remédio. E, na mesma hora, vô afirmou qual era a doença e o nome do remédio que ele deveria usar. Quando tio Du retornou ao médico, contou para o doutor que vô Lauro já havia dito, e ele confirmou que realmente era o medicamento indicado. Irênio tem uma admiração muito grande por vô Lauro.

Lauro Flores: Tem mesmo. Irênio é um bom contador de casos, tem uma memória admirável. Como ele disse, aprendi muito com as leituras dos livros de Chernoviz. Sempre andei pra cima e pra baixo com esses livros debaixo do braço.

Daiana Flores: Até consegui estes livros também. Ao folhear o livro *Formulário* ou *Guia médico*, percebi que autor recomendava a leitura para pessoas que trabalham nos laboratórios (químicos), clínicos, estudantes de medicina e farmacêuticos, sendo considerada uma obra de confiança, de conhecimentos variados. Diferente dos materiais de estudos que tenho acesso atualmente, divididos por áreas específicas do conhecimento, o autor abordou os assuntos de modo a contemplar todas estas áreas.

³ MEDEIROS, Aline da Silva. Autoria científica do doutor Chernoviz entre a vulgarização da medicina e a formação profissional: o caso do Dicionário de medicina popular, 1842-1890. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, jan.-mar. 2018, p. 33- 49.

No livro *Dicionário de medicina popular*, o autor escreveu para pessoas que não apresentavam nenhuma formação acadêmica, como ele próprio afirma, “à inteligência das pessoas estranhas à arte de curar”, ou seja, para quem estava distante dos bancos escolares. Este livro foi lido e utilizado por pessoas de diferentes categorias sociais e profissionais; os donos de boticas, os patriarcas e líderes políticos e religiosos, que, frequentemente, cuidavam de pessoas doentes e necessitadas, e as matriarcas da elite latifundiária do Império, que cuidavam das pessoas da casa, dos seus agregados e da escravaria. Também serviu como subsídio científico aos autodidatas e às pessoas sem formação acadêmica que exerceram ofícios de cura, chamados pelos médicos acadêmicos de ‘charlatães’ ou ‘curiosos’⁴.

Lauro Flores: Fui considerado charlatão pelas pessoas.

Daiana Flores: Fiquei sabendo, vô, quando li no livro do autor Roberto Lettière (2008), aquele que falei para vocês que conta a história aqui da região. O autor faz uma homenagem aos antigos pioneiros do século 19 até metade do século 20; escreve sobre o desenvolvimento da saúde, quando começaram a surgir algumas pessoas que se prestavam ‘a receitar’ remédios naturais, como raízes, ervas, plantas, sementes. Entre essas pessoas, o autor citou bem o senhor, vô Lauro, como um morador que receitava remédios aqui em Deus Dará, em Quaraçu e Belo Campo.

Lauro Flores: Todos que, na época, trabalhavam com a medicina tradicional eram chamados de charlatães.

Daiana Flores: Encontrei esse termo ‘charlatão’ no livro *A invenção das Ciências Modernas*, da autora Isabelle Stengers (2002), filósofa belga formada em Química; a autora que apresenta este termo ao escrever sobre o conflito que existiu entre os médicos diplomados e aqueles que eram denunciados como charlatães. Os médicos diplomados realizavam denúncias por acreditarem que a população estava sendo enganada pelos charlatães, por isso pediam à população que resistisse à tentação de curar “pelas más razões”.

O campo médico reivindicava que este trabalho de curar as pessoas era exclusivamente para médicos, não aceitava e nem permitia que outros exercessem práticas da profissão. Por isso, entraram em conflito contra a obra de Chernoviz, recomendada para pessoas que não apresentavam formação acadêmica. Foi necessário o autor

⁴ GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005.

apresentar argumentos, para se respaldar, dos cientistas que usaram de argumentos na época⁵.

Conceição de Almeida: Quando a autora Isabelle Stengers (2002) escreve sobre o desenvolvimento do conhecimento científico e cita como exemplo a medicina científica, afirma que a medicina científica solicitou ao público que soubesse fazer a diferença entre os charlatães, que utilizavam de recursos que dependem das pessoas e das circunstâncias, e os médicos acadêmicos, aqueles que utilizam meios já comprovados, que, pelo menos estatisticamente, são ativos e eficazes, identificados por um modelo experimental, as “estruturas cognitivas” privilegiadas pela conduta médica.

Daiana Flores: Ceixa, esta relação entre o conhecimento científico como resultado de um modelo experimental, por meios comprovados e eficazes, me fez recordar de um documentário apresentado por Claude Lévi-Strauss (1975), em seu livro *Antropologia Estrutural*, que compartilha de um fragmento de autobiografia indígena de um Quesalid (nome que recebeu um indígena quando se tornou feiticeiro) por ser reconhecido por demonstrar “a doença” de forma visível. No documentário, o feiticeiro Quesalid fez uma visita a uma tribo vizinha dos Koskimo e assistiu a uma cura praticada por seus colegas que não teve efeito; seus colegas apenas expectoravam na mão um pouco de saliva e afirmavam que era “a doença”. Não satisfeito, Quesalid pediu licença para testar seu método, cuspiu a doença na forma de um verme sanguinolento feito de penugem escondida na boca, e o enfermo foi curado. Apresentar a doença em forma visível foi surpreendente, pois ele, pelo menos, dava algo à sua clientela, apresentava-lhe a doença em forma tangível, ao passo que seus colegas não mostravam absolutamente nada e alegavam apenas ter capturado o mal. Os xamãs koskimo ficaram “cobertos de vergonha” pelo descrédito em que caíram junto a seus compatriotas, pois Quesalid apresentou, na forma de objeto material, a doença, e eles sempre tinham atribuído uma natureza espiritual à doença e, por isso, nunca tinham pensado em tornar visível.

Conceição de Almeida: Uma ciência da assepsia: a crença no pecado original subjacente à sociedade, do qual ela precisa livrar-se a todo custo. Esse pecado original se refere a um saber primitivo, tradicional, selvagem. A ciência seria a instância idônea para expurgar a humanidade desse pecado, apagaria do corpo social o pecado original da desordem, ordenando; da falsidade, oferecendo a versão verdadeira, clara e transparente.

⁵ MEDEIROS, Aline da Silva. Autoria científica do doutor Chernoviz entre a vulgarização da medicina e a formação profissional: o caso do Dicionário de medicina popular, 1842-1890. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, jan.-mar. 2018, p. 33- 49.

O cientista é concebido como um sujeito racional, não prisioneiro dos muitos fatores sociais, culturais e psicológicos, portador de uma mente sã, não contaminado por preconceitos e irracionalidades; em outras palavras, um methahumano!

Daiana Flores: Por isso, aqueles que se apropriam dos conhecimentos científicos apresentam resistência em aceitarem outras formas de conhecimento. Tem uma história, que Bosco Filho (2015) compartilha em seu livro *As lições do vivo*, que retrata bem isso, a resistência dos profissionais médicos em um hospital que recusaram a ajuda de uma parteira bem experiente da zona rural.

Francisco Lucas: Conte-nos essa história da parteira.

Daiana Flores: Estou com este livro de Bosco Filho (2015) aqui, vou ler para vocês. Conta a história de Dona Geralda, uma moradora da zona rural; uma senhorinha que, por herança dos conhecimentos de sua mãe, já nasceu quase parteira. Aprendeu a profissão na lida da vida, no alto dos seus quase 80 anos, já foram mais de 400 partos. Certo dia, ela foi fazer o parto de uma moça e percebeu que havia algo errado. E ela, parteira já experiente, não poderia resolver aquilo sozinha. Seria necessário aliar-se à tecnologia dos hospitais. A comunidade se mobilizou, e lá foram as duas para ver o Doutor. Chegando lá, não foi permitido que D. Geralda entrasse no hospital e, muito menos, que fosse ouvida quando dizia que o parto tinha que ser feito imediatamente. Aos olhos dos médicos, era impossível que alguém como ela soubesse fazer os partos e ainda dizer o que era necessário fazer. Postergou, postergou, postergou, e ela em nada pôde ajudar, pois os doutores não lhe deram ouvidos. Ela não arredou pé. Foi em vão. Pela demora, houve problemas; aplicaram mal uma injeção, o filho ficou paralítico, e a mãe faleceu. Então, Dona Geralda conseguiu identificar o momento em que precisou buscar ajuda dos médicos, mas os doutores ignoraram a sua ajuda e não conseguiram discernir o momento necessário de dialogar com outros saberes.

Daniel Munduruku: O ocidental se sente superior. Isso gera incompatibilidade entre os saberes e, pior, uma incompreensão que culmina no desrespeito.

Conceição de Almeida: Não se trata de decretar a morte da instituição científica e edificar um altar para os saberes da tradição. Trata-se mais propriamente de reconhecer, no interior da cultura científica, a tentativa inútil de purificação dos fenômenos. Melhor seria empreender uma busca arqueológica de fragmentos do pensamento humano que se acondicionem nas camadas narrativas das experiências mais arcaicas. Arcaico aqui, longe de significar resíduo e entulho de um domínio cognoscente passado e marcado pela primitividade, conforme lembra Edgar Morin, ao sentido mais original do vocábulo grego

arché, e significa, ao mesmo tempo, o que é fundador, anterior, persistente, permanente e comum a todos os homens.

Lauro Flores: Como disse para vocês, aqui na região não tinha médico naquela época. Esse pessoal mais velho que tinha aqui, pessoal de Fileiro, Cazuza, Marcilino Pinheiro, Vitória no Piripiri, não tinha condições para ir ao médico nos lugares mais distantes. Eu que tratava de mulher que paria, de criança, de velho, de todo mundo.

Daiana Flores: Vô Lauro, mesmo eu sabendo que, na medicina tradicional, existem erros, limitações, como também apresenta a medicina científica que temos hoje, acho interessante a forma como alguns moradores reconhecem o senhor. Cansei de ouvir de seu Vivaldo, um morador aqui de Deus Dará, que estas regiões aqui perto era o senhor que cuidava, e todo mundo acreditava no senhor, e dava certo, eles não sabiam nem o porquê, mas dava certo, como uma pessoa que nunca matou ninguém, que curou todo mundo.

Lauro Flores: O pessoal aqui da região tem uma memória boa. Meu genro, Irênio, como falei para vocês, é um bom contador de casos, toda vez que ele me encontra, lembra destas histórias e fala de quando tratei do seu filho quando adoeceu.

Daiana Flores: Já escutei essa história, deixa eu contar para vocês. Quando o filho de Irênio adoeceu, ele tinha apenas nove meses de vida, bem novinho. Ele levou o filho a um médico, tomou remédio e não melhorou. Levou a outro, tomou remédio e também não melhorou. Aí, vô Lauro chegou na casa de Irênio e perguntou sobre o menino, se tinha sarado, e ele disse que não, que estava pior.

Lauro Flores: Foi mesmo, segurei o menino no colo e dei uma olhada.

Daiana Flores: Ele conta que o senhor, vô Lauro, segurou o menino, pegou uma caneta e um papel, anotou o nome do remédio e mandou ele ir comprar. Imediatamente, Irênio foi até a farmácia de um sobrinho dele; quando perguntou se tinha aquele remédio, o rapaz olhou para a letra e logo fez elogios, reconheceu a letra de vô Lauro e disse que ele tinha a letra mais bonita, e confirmou que aquele remédio indicado era o melhor remédio. Ele disse que o senhor, vô Lauro, falou que, depois da injeção, o menino iria ficar mais abatido, molinho alguns dias; quando deu os dias certos que ele havia indicado que o menino iria melhorar, ele melhorou. O menino ficou bom. Irênio me falou que o senhor era muito melhor do que certos médicos, que nunca viu uma coisa daquela. Sempre disse: “seu bisavô sempre foi muito inteligente, médico nenhum dava nele, ele só não fazia parto, não operava, agora do remédio, era só uma vez e sarava”.

Lauro Flores: Irênio tem uma memória incrível. Para tratar as pessoas, utilizei tanto dos conhecimentos das plantas aqui da região, dos ensinamentos da tradição do meu povo, como também das coisas que aprendi com as leituras do autor Chernoviz.

Daiana Flores: Percebo, vô, que o conhecimento científico de que o senhor se apropriou complementou e dialogou com os seus saberes aqui da região, e esse diálogo possibilitou o reconhecimento e confiança dos moradores, numa confiança bem semelhante à que os indígenas dos textos de Lévi-Strauss (1975) tinham no líder que realiza as curas xamânicas. O autor descreve um complexo indissociável, formado por três elementos complementares para a eficácia da magia do feiticeiro. Primeiro, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; depois, a do doente de que ele trata ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; e a confiança e as exigências da opinião coletiva. Quando o senhor, vô Lauro, realizou o diálogo entre o conhecimento científico e os saberes da flora da região local, conseguiu alcançar esta confiança tanto da sua própria crença nos tratamentos em que realizava como também a confiança do doente e das exigências da população. Essa ampliação dos conhecimentos possibilitou que o senhor, vô, fosse diferente dos outros moradores que também tratavam das doenças das pessoas aqui da região, os mateiros, as parteiras.

Francisco Lucas: Lauro, você foi um caboclo bom mesmo, utilizou muitos conhecimentos diferentes.

Conceição de Almeida: Esse encontro entre cultura científica e saberes da tradição é, portanto, urgente e inadiável. Fazer dialogar essas duas estratégias de pensar ajuda a reorganizar em patamares mais complexos os conhecimentos de que dispomos para pensar melhor esse novo século e seus desafios. Um diálogo entre os saberes permite que compreendamos que a criatividade é uma característica do pensamento comum a todos os homens no exercício de reduzir os impulsos da competição.

Este diálogo é embelezado pelo uso de uma metáfora por Lévi-Strauss (1989), no processo de dissolução do sólido no líquido, em que as partículas se reorganizam, por causa das forças de interações existentes entre elas. E isso não implica de maneira nenhuma (e mesmo exclui) a destruição das particularidades do sólido e do líquido.

Daiana Flores: Que metáfora interessante para pensarmos! É necessário que haja interação entre o sólido e um líquido para que venha acontecer a dissolução. Se não existir interação, ocorre uma mistura heterogênea, semelhante ao que tentamos fazer quando batemos no liquidificador água, polpa, açúcar e, ainda, leite, que, depois de desligarmos e observamos, em alguns minutos, está tudo separado. Não é isso.

A interação entre o sólido e o líquido possibilita novas características na solução formada, propriedades que, quando o sólido está separado do líquido, ambos não apresentam separadamente, isolados. E, ao mesmo tempo, como nos lembra Lévi-Strauss (1989), na interação, o sólido não perde a sua propriedade específica nem o líquido, e se possibilita que os dois permaneçam com as suas especificidades que apresentavam antes da dissolução.

Conceição de Almeida: É abrir as ciências para não morrermos de frio no pico do iceberg; reaver antigas sabedorias; experimentar outros modos de conhecer, catalogar, classificar; combinar mais livremente as informações sem ter que escolher entre tradição e modernidade, local e global, natural e social. É abrir a ciência à sociedade.

Lauro Flores: Como morei aqui na região por muito tempo, tentei relacionar os estudos que fazia nos livros com o nosso modo de viver.

Daiana Flores: A leitura dos livros de Chernoviz não parece ser simples; quando folhee, muitas coisas eu não compreendi. Neste *Dicionário de medicina popular*, o autor proporciona uma concepção ampla e organizada de alguns horizontes que dialogam com a área de saúde. Descreve as definições de diversas doenças, suas causas, prevenções, tratamentos e receitas para a preparação dos medicamentos. Apresenta argumentos a respeito das diversas plantas medicinais, migração, país cultivado, características físicas, tratamentos indicados, a forma como deve ser utilizada para o uso como medicamento. Discute sobre substâncias químicas, elementos químicos e misturas e sobre materiais de trabalho na prática da saúde. Também, faz articulação entre os diferentes domínios disciplinares de Biologia, Química, Geografia e História, organizados em um mesmo contexto, em uma compreensão que possibilita perceber a origem da planta utilizada, o processo de preparação do medicamento até o diagnóstico do paciente; bem diferente dos materiais de estudo que temos atualmente, cada livro voltado para uma disciplina específica.

Conceição de Almeida: Os conteúdos hoje transmitidos pelas escolas e universidades correspondem a uma história domesticada da descoberta do homem. Tal transmissão tem sido redutora e mutilante. De um lado, os saberes científicos fracionados, não comunicantes; de outro, os saberes tradicionais entendidos como cristalizados, sem evolução, popular. Sobretudo nos três últimos séculos, o pensamento crítico científico foi se especializando, purificando seus saberes e tornando cada vez mais difícil o intercâmbio com outros sistemas de representação do mundo. Estabeleceu-se a partir de uma específica visão de mundo, uma forma de fazer e uma rota a seguir que representam claras

sinalizações da separação entre uma cultura científica, identificada com saberes técnicos e as chamadas ciências exatas, e uma cultura humanista, identificada com áreas de conhecimento mais reflexivas e interpretativas.

Daiana Flores: Ceíça, enquanto você falava, recordei da leitura que realizei no livro *As duas culturas e uma segunda leitura*, em que o autor, Sharles Percy Snow (2015), físico e romancista inglês, apresenta a expressão “duas culturas” para apontar diversidades entre cientistas e não cientistas. Achei muito interessante a forma como o autor aborda a discussão no livro, por compartilhar de sua própria experiência em conviver muitos dias entre cientistas, nas suas horas de trabalho, e entre os seus colegas da literatura, nas noites, quando saía. Relata que teve amigos íntimos tanto entre cientistas quanto entre escritores e, por conviver com esses dois grupos, por meio da movimentação regular entre um grupo e outro, percebeu as suas diferenças.

Conceição de Almeida: Sharles Percy Snow (2015) acredita que a vida intelectual de toda a sociedade ocidental está cada vez mais dividida entre dois grupos polares: num polo, os intelectuais da literatura; noutro, os cientistas e, como os mais representativos, os físicos. Entre os dois, um abismo de incompreensão mútua – algumas vezes, (particularmente entre os jovens) hostilidade e aversão, mas, principalmente, falta de compreensão. Cada um tem uma imagem curiosamente distorcida do outro. E, por ser realmente uma cultura, não somente no sentido intelectual, mas também no sentido antropológico, existem atitudes comuns, padrões e formas de comportamento comuns, abordagens e postulados comuns, como afirma o autor.

Daiana Flores: Lembro de uma entrevista realizada por Sharles Percy Snow (2015) que ele compartilha nesse livro, feita com alguns cientistas da época, em que o autor ficou um pouco chocado com os resultados. Não esperava que os laços com a cultura tradicional fossem tão tênues, nada mais que um formal cumprimento de chapéu. Enfatizou que os cientistas têm a sua própria cultura, intensiva, rigorosa e constantemente em ação e que toda a literatura da cultura tradicional não lhes parece relevante para seus interesses.

Conceição de Almeida: Não reconhecer a importância desses saberes ou torná-los como um saber menor é cuspir no próprio prato da aventura humana na Terra. O que somos hoje não aconteceu da noite para o dia. A fabulosa cultura e o enorme progresso científico dos quais nos valem atualmente foram sendo gestados por meio de inúmeras experimentações e aprendizagens das populações humanas ao longo dos séculos. Nenhuma cultura se edifica sem a base, o solo e a argamassa do passado.

Francisco Lucas: Costumo dizer que tudo o que o homem faz, que ele inventa, ele pensa que fez algo diferente. Mas eu não vejo por esse lado. É significativo a algo que já existe. O homem fez o computador, que armazena tudo. As coisas imitam o que já existe no planeta. Tudo quanto a ciência descobre a natureza já ensinou há muito tempo.

Conceição de Almeida: A validação *a posteriori* demonstra o quanto a pesquisa científica deve às antecipações dos saberes da tradição. Temos, por exemplo, as propriedades medicinais da planta *babosa*, que hoje são referendadas e validadas, além de receber um novo nome: *aloe vera*.

Lauro Flores: Entendo isso pela minha própria experiência aqui na região. Bem antes das leituras do livro do autor *Chernoviz*, eu já utilizava *babosa*, sabia que era uma planta muito boa para a saúde como cicatrizante, purgante contra vermes, que causa a fome. Depois que realizei a leitura do *Dicionário de Medicina Popular*, percebi que alguns desses ensinamentos que aprendi aqui na região também estavam no livro. As leituras no livro foram um complemento, ampliaram ainda mais meus conhecimentos, aprendi a delimitar as doses do remédio e quantas vezes a pessoa deveria ingerir para cada um dos tratamentos.

Conceição de Almeida: É exatamente isso que estou falando sobre a validação *a posteriori*. E o antigo costume das mulheres comerem galinha caipira durante o período pós-parto?

Lauro Flores: As mulheres aqui da região cansaram de comer galinha caipira, eram oito dias seguidos comendo pirão de galinha.

Conceição de Almeida: Hoje recebe “autorização” da pesquisa científica, que descobriu as propriedades da ave para curar infecções. Aqui no Nordeste, também tem o *dedinho-do-cão*, cujo nome é *avelós*, que sempre foi utilizado como medicamento para vários fins, que incluem, dentre outros, remover verrugas. Hoje, as pesquisas no mundo da Ciência reconhecem no *avelós* propriedades anticancerígenas.

Lauro Flores: Para tratar verruga, utilizamos muito sabão preto, um sabão que minha esposa Joaquina Lopes preparava aqui na fazenda para lavar roupa, tomar banho.

Daiana Flores: Sabão preto? Acho que não cheguei a conhecer.

Lauro Flores: Os cabelos ficavam num brilho que só. Também era bom para sarna e caspa. Depois, pelas leituras no livro *Formulário*, até encontrei a recomendação de sabão preto para o tratamento de verruga.

Conceição de Almeida: Percebam, por negligência, estamos deixando escapar oportunidades como estas que Lauro aproveitou, algumas das nossas melhores

oportunidades nos campos do pensamento e da criação. O ponto de colisão de duas culturas deveria produzir oportunidades criadoras. Isso é um perigo sério para a nossa vida criativa, intelectual e, sobretudo, para a nossa vida cotidiana. Leva-nos a interpretar o passado de forma errada, a julgar erroneamente o presente e a denegar nossas esperanças no futuro. A falta de comunicação entre os dois sistemas interpretativos, conhecimentos tradicionais e científicos, além de dificultar a redução da margem de erro presente em ambos, pode resultar numa tendência ao empobrecimento do pensamento crítico.

Daiana Flores: É justamente isso que afirma Charles Percy Snow (2015), que a separação entre os conhecimentos é pura perda para todos nós, ao mesmo tempo, perda prática, perda intelectual e perda criativa. Inclusive, pensei muito nas diferenças entre as culturas humanas e científicas quando assisti ao filme *O ponto de mutação*; um filme composto por um cenário com três personagens principais, um poeta, um candidato a presidente dos Estados Unidos e uma física. Eles passam praticamente todo o roteiro do filme conversando.

Conceição de Almeida: Também assisti. Você se lembra do início do filme no momento em que eles se encontram?

Daiana Flores: Esse momento me despertou a atenção e que fiquei surpreendida; no instante em que o poeta e o candidato a presidente estavam conversando sobre o enorme relógio que tinha no museu, quando Sônia, a física, reconheceu o poeta, mas não reconheceu o candidato a presidente. No filme, até o poeta ficou surpreso e perguntou o que tinha acontecido com os valores de Sônia.

Conceição de Almeida: Por que será que esse fato surpreende tanto?

Daiana Flores: Desde criança, aprendemos a estudar as áreas do conhecimento separadas. É bem comum perguntarmos para uma pessoa qual é a disciplina que mais gosta de estudar e obtermos uma resposta que seja para as ciências consideradas exatas ou para as humanas. Acho que esse seja um dos motivos pelos quais acabamos nos surpreendendo quando uma física afirma ler livros de poesia, como Sônia afirmou no filme ser cientista e, ocasionalmente, ler poesias.

Falo por mim, enquanto realizei o curso de licenciatura em química, não tive interesse em procurar leituras de outras áreas do conhecimento que pudessem contribuir e ampliar minha visão para outros horizontes. Lembro de uma situação ainda na graduação, quando encontrei um dos professores por quem tenho total admiração e respeito, do curso lá no instituto em que estudei; quando ele estava preenchendo uma lista com várias temáticas relacionadas à vida, como política, religião, esporte, para

contextualizar os assuntos de química em uma das suas turmas e pediu que eu sugerisse uma temática. Sem saber o que sugerir, mudei de assunto; na verdade, eu não conseguia compreender como era possível relacionar os conteúdos de química aos diversos contextos, quanto menos sugerir uma temática. Para ser sincera, até hoje penso naquela lista do professor e em como sua proposta, provavelmente, foi desafiadora e interessante para os discentes.

Logo depois da graduação, quando ingressei no mestrado, uma das minhas primeiras leituras foi o livro *Ciência, Educação e o Conflito Humano tecnológico*, de Leopoldo de Meis (2002), professor de bioquímica médica, que trata sobre a grande quantidade de informações que temos à nossa disposição atualmente. O autor afirma que o excesso de informações no ensino, a quantidade de conhecimentos gerados a cada ano obriga a superespecialização. Por exemplo, se um professor estudasse doze horas por dia, no fim do ano, teria lido menos de cinco por cento do que se publicou apenas referente a uma área do conhecimento. A superespecialização atual faz com que um especialista não consiga compreender uma área próxima à sua. Somos formados como se cada disciplina se organizasse de forma isolada em nossa mente, como um armário composto por diversas repartições, gavetas.

Conceição de Almeida: Nada contra a especialização, pelo contrário, por conta desta enxurrada de informações, acredito ser fundamental cada profissional formado ter domínio e propriedade dos conteúdos relacionados à sua área de conhecimento; no entanto, não podemos continuar numa concepção de ciência linear, absoluta e isolada do contexto social.

Daiana Flores: Também concordo com você, Ceiça. Esse professor de quem acabei de falar colocou piolhos na minha cabeça durante o curso de graduação. No curso de química, praticamente toda semana, tínhamos aulas nos laboratórios para realizarmos os experimentos e, assim, relacionarmos o que fazíamos conforme o roteiro que nos era fornecido com os conceitos presentes nos livros e artigos. Essas aulas no laboratório significavam para nós, estudantes do curso, algo novo, por serem diferentes até então das aulas em sala de aula que tínhamos na Educação Básica com o uso do quadro branco, livro e caderno. Então, achávamos sensacionais, bem modernas. Tanto era que, nas aulas de didática, associávamos as nossas aulas da Educação Básica a um ensino mais antigo e as aulas com o uso de experimentos a algo que considerávamos atual; até que, certo dia, esse mesmo professor, durante a aula, parou e nos fez alguns questionamentos que me deixaram pensativa: “existe diferença na proposta da aula de um docente que utiliza o

experimento em sala para outro professor que expõe o experimento em um vídeo ou expõe em ilustrações no quadro?”.

Este questionamento me fez pensar que, se o docente alterar apenas o recurso utilizado em sala, mas continuar com as mesmas explicações, apresentando os conceitos da mesma forma, sem estimular novas reflexões, não terá diferença na proposta da aula. Mais do que isso, o docente pode utilizar um instrumento inovador, mas realizar discussões que não apresentam nenhuma significância para os estudantes, como pode utilizar um texto produzido há muito tempo em sala e propor reflexões atuais e que tenham relevância. Hoje vejo que os recursos adotados em sala de aula podem facilitar aos discentes compreender melhor a definição do conceito que o docente pretende ensinar, mas, nem sempre, implica o sentido da aula.

Conceição de Almeida: Os conceitos não devem nos servir como âncoras, uma vez que a função da âncora é manter o barco parado. Eles devem se assemelhar mais aos remos, que nos fazem mover nas águas dos saberes, pelas quais navegamos, e no mundo fenomênico do qual somos parte. Além disso, os conceitos e as teorias excedem o vivido, ou se constituem em apenas um fragmento da vida. Eles são sempre mais, ou menos, que a vida e os fenômenos que pretendem explicar. E o compromisso do intelectual, do cientista-cidadão não é, pois, com a teoria nem com os conceitos, mas por meio deles, com uma sociedade mais justa, mais livre, mais feliz, mais leve, mais vida. É abrir a ciência à sociedade.

Daiana Flores: É apresentar um sentido que seja significativo para os estudantes, mais ou menos como na narrativa sobre um professor viajante que compartilha Leopoldo de Meis (2002), em seu livro. O autor apresenta no primeiro capítulo do livro a história de um professor viajante que, chegando a uma terra distante, descobre que lá não tem chocolate e, pior, que os estudantes da escola em que ele passou a trabalhar nunca ouviram falar de chocolate. Mas a diretora da escola propôs um curso docente de chocolotologia. Perante tanta iniciativa, o professor, estarecido, pergunta-lhe se, após tal curso, os estudantes terão noção de qual seria o sabor do chocolate.

Para o autor, a maior angústia do professor está em saber que bastaria os meninos mastigarem alguns tabletes para, de imediato, saberem do que se trata. Porque, na terra desse professor, não há cursos de chocolotologia nas escolas, mas os meninos conhecem o sabor do chocolate. São, portanto, duas culturas, a terra distante, que não faz nem come chocolate, mas sabe tudo sobre chocolotologia, e a outra terra, que faz e come chocolate, mas não entende bem o que seja chocolotologia.

Confesso para vocês que, como professora, em alguns momentos, me identifico com esse professor viajante, inserida num formado de ensino que parte de informações que, muitas vezes, estão distantes do contexto dos discentes, apresentando conceitos com informações úteis, considerados importantes, mas distantes. É semelhante a estarmos numa terra distante que não faz nem come “chocolate”, mas sabe tudo sobre “chocolatologia”, em que precisamos ensinar sobre “chocolatologia” sem os estudantes nunca terem experimentado o “chocolate”.

Francisco Lucas: Por isso que digo, a ciência devia trabalhar com a sabedoria do caboclo. Por exemplo, o leigo que não vive na natureza aprende na escola o leste, o oeste, norte e sul. Aí, se dá um monte de nomes: o sudoeste, noroeste etc.; e se confundem as coisas. Para o camponês, o lado norte que ele conhece é o norte mesmo, de origem, ao lado esquerdo. O poente é que é o lado norte. Poente é poente, nascente é nascente. O professor não explica que tem dois nomes, que aqui é nascente e ali é poente. Por que nascente? Porque o sol nasce aqui. Por que poente? Porque o sol se põe ali. Acho que o certo deveria ser isso. Para aquele que não tem muita bagagem e aprende na marra, sem conhecer a natureza, fica difícil entender as duas linguagens, os dois nomes.

Lauro Flores: Também acho. Quando se trabalha com a sabedoria do caboclo, parte-se de um ensino em que os estudantes conhecem o sabor do “chocolate”, talvez muitos não entendam nem o que seja “chocolatologia”, mas conhecem o sabor do chocolate. Primeiro, conhecemos as coisas, os sabores, para, depois, aprendermos mais sobre o que achamos interessante.

Conceição de Almeida: Semelhante ao que Lévi-Strauss afirma a respeito do pensamento selvagem, em que os primitivos não conheciam as espécies animais e vegetais na medida em que são úteis; pelo contrário, as espécies animais e vegetais são classificadas úteis e interessantes porque são primeiro conhecidas, bem diferente dos nossos dias atuais, cujo apetite maior é pela necessidade e utilidade.

Daiana Flores: Acredito que o senhor, vô Lauro, fez parte das duas culturas das terras distantes, da que sabe sobre chocolatologia e a outra terra, que faz e come chocolate. Conheceu o sabor do “chocolate” proporcionado pelo contato mais próximo com a natureza aqui na região, e, ainda, se interessou em estudar sobre “chocolatologia” quando passou a se apropriar de outros conhecimentos, que não estavam disponíveis aqui na região, pelas leituras dos livros de Chernoviz. Vejo que seu modo de pensar, de fazer as coisas “está no sabor do chocolate e não no aspecto do tablete”, frase que Leopoldo de Meis (2002) compartilha no final da história do professor viajante.

Lauro Flores: Dai, estou gostando de conhecer esses autores que vocês estão compartilhando. Vejam ali na casa grande; naquela segunda porta na entrada da casa, onde hoje é um quarto, ficava a farmácia. Sempre gostei de ficar o tempo quase todo por lá. Na farmácia, tinha alguns instrumentos que comprava, como balança de pesar os remédios, um pilão para fazer os comprimidos.

Daiana Flores: Já ouvi falar dessa farmácia. Uma vez, quando fui à casa de seu Miguel e dona Zelita, eles ficaram um bom tempo contando sobre as histórias da época de juventude e lembraram dessa farmácia que ficava aqui na casa grande.

Lauro Flores: Miguel e Zelita vieram muitas vezes pegar remédio por aqui; como eles moravam mais distantes naquela época, andavam muitas léguas até chegarem aqui. Era assim, a pessoa chegava e pedia o remédio; quando eu não tinha o remédio pronto, falava que ia fazer um bom e preparava na mesma hora. Fazia os remédios, remédio de *babosa*, como falei para vocês. Fazia pílula de *babosa*, chá de tudo quanto que era raiz de planta. Indicava muito chá para as pessoas.

Daiana Flores: Seu Miguel me falou mesmo, vô, e disse que o senhor não ensinava remédio errado não. Fico invocada como o senhor, vô Lauro, conseguiu compreender as leituras dos livros de Chernoviz, como preparava os remédios distante do meio acadêmico. No curso de química, nas práticas em laboratório, quando tínhamos que separar uma substância de uma planta, era trabalhoso, eram várias etapas, misturávamos vários produtos, observávamos o pH (potencial Hidrogeniônico), capacidade de oxidar, fazíamos vários cálculos para conseguirmos o produto desejado; estas coisas que aprendi quando estava na graduação. Nas práticas de orgânica, trabalhamos muito extração de substâncias de vegetais, era preciso conhecer as folhas (ou outros produtos vegetais) onde se encontra o composto que pretendíamos extrair, analisar a presença de outras substâncias que podem interferir na obtenção do produto e nos possíveis métodos de misturas, aquecimento e filtração para proporcionar a extração desejável, por processos de organização do conhecimento ensinados no curso.

Francisco Lucas: Ô, Lauro, você preparava todos os remédios da farmácia?

Lauro Flores: Nem todos, eu ia até Conquista e comprava algumas coisas para preparar os remédios, pra fazer as misturas, e comprava também alguns já preparados.

Daiana Flores: Vô Lauro, soube aproveitar as informações e torná-las úteis por aqui.

Conceição de Almeida: Realmente, podemos dispor de informações e não construir conhecimento algum. Um computador acumula milhões de informações e

dados, sobre diversos temas e fenômenos, e, nem por isso, produz conhecimento. Às vezes, não fazemos muita coisa com as informações estocadas e nos limitamos a anunciá-las em profusão, sem estabelecer nenhuma relação entre elas. Podemos ser proprietários de um grande banco de dados; ser possuidores de muitas e valiosas informações e, mesmo assim, não construir conhecimento.

Essa manipulação das informações para construir conhecimento se assemelha ao trabalho do oleiro, que, com suas mãos, dá forma ao barro, que se torna pote, panela, vasos, telha. A analogia entre o pensamento e o oleiro permite dizer também que informações e barro são matérias brutas a serem lapidadas pelos dois artesãos – o artesão do pensamento e o artesão da telha.

Daiana Flores: Lembrei do primeiro ano em que ingressei na faculdade. A impressão que tenho é que já entrei no curso no intuito de servir como um depósito de informações para ser preenchido com respostas prontas dadas pelos docentes. Quanto mais informação, achava melhor. Penso que os meus colegas da turma também tinham esta mesma mentalidade. Esse mesmo professor que comentei com vocês tinha uma forma diferente de ensinar, com a qual não estávamos acostumados até então. Nas aulas, quando algum estudante realizava alguma pergunta, ansioso para obter de imediato uma resposta, o professor nos respondia com uma segunda pergunta que nos fazia pensar nela. Era algo impressionante, sem que o professor nos respondesse com algo pronto, refletíamos e chegávamos nas possíveis respostas. Mas, como o professor tinha uma postura diferente daquela à qual estávamos acostumados, que nos tirava da nossa zona de conforto, muitos estudantes não compreendiam e reclamavam que ele respondia com uma segunda pergunta porque não sabia a resposta. Não estávamos acostumados a refletir sobre os assuntos.

Conceição de Almeida: Nas escolas e universidades, normalmente, são passados muitos conteúdos, muitas informações, porém os estudantes não são instigados a pensar sobre eles.

Daniel Munduruku: Dai, como fez esse seu professor, é preciso reverter esse quadro. É preciso que os educadores criem uma consciência nova, dinâmica, para que um novo jeito de pensar venha à tona. Talvez isso seja algo para poucos, seja para pessoas que acreditam nas outras pessoas, seja para pessoas que não se acomodaram diante da mesmice que a sociedade pede todos os dias.

Daiana Flores: Puxa, Daniel, me emocionei com a sua fala sobre acreditar nas outras pessoas, concordo com você e acho isso fundamental no educador. Se

desacreditarmos no outro, deixaremos de sonhar que todo ser humano pode desenvolver seus dons e talentos. Se esse meu professor fosse parar para pensar nos obstáculos que ele enfrentaria ao ir contra a mesmice do sistema educacional, provavelmente, ele iria se entristecer e desacreditar. Mas graças a Deus por ele ter resolvido fazer diferente, porque, assim, conseguiu fazer a diferença e servir como inspiração para a nossa formação no curso.

Daniel Munduruku: Esse foi um ato heroico. Educar é um ato heroico em qualquer cultura. Talvez seja pelo fato de que educar exige que a pessoa saia um pouco de si e vá ao encontro do outro; um outro desconhecido; um outro anônimo; um outro que me questiona. O educador está sempre nas alturas porque acredita que quem está à sua frente não é um cliente esperando para ser atendido, mas uma pessoa aguardando orientações para seguir seus passos.

Nesse sentido, minha reflexão sobre a formação de professores vai em direção da crítica a um sistema que cobra demais dos mestres sem ter oferecido base suficiente para eles se tornarem, de fato, pessoas capazes de refletir sobre suas próprias práticas pedagógicas. Refletir deveria ser um ato constante na busca da compreensão do estar no mundo. No entanto, devido às mudanças permanentes, os professores acabam tendo que “engolir” novas teorias sem ter tempo para “ruminá-las” a fim de que se tornem cada vez melhores em seu exercício de ser educador, papel fundante do ser humano. Infelizmente, a realidade em que vivemos foi ‘pensada’ de um jeito em que as pessoas são compreendidas como máquina de ganhar de dinheiro, como objeto de consumo.

Conceição de Almeida: A oferta de muitas informações e conhecimento a discentes que não são instigados a pensar sobre eles torna o sistema educacional um mercado de informações, para formar alunos-bancos-de-dados. Temos os cursos universitários divulgados por *outdoors* espalhados pelas ruas das cidades como senhas para ascensão social.

Daiana Flores: Realmente, hoje em dia, existe uma grande quantidade de pessoas interessadas em ingressar nos cursos universitários no intuito de ampliarem as possibilidades para inserção no mercado de trabalho. Parece que estamos numa corrida de maratona, e aqueles que, durante o percurso, alcançarem maiores títulos acadêmicos serão os primeiros a chegarem e serem inseridos no mercado de trabalho. Mas não podemos esquecer que, nessa correria, em meio às muitas informações e atualizações, temos acesso a conhecimentos provenientes da educação formal que necessitam apresentar significado para as nossas vidas, que carecem dialogar com outros

conhecimentos, com objetivos que venham nos possibilitar refletir sobre os vários desafios.

Conceição de Almeida: Desde que nascemos, somos incitados a separar e excluir o diferente, o diverso de nós; incitados a ordenar por hierarquia, o que acaba por gerar um padrão de pensamento que legitima – porque compreende como naturais – as desigualdades sociais e de acesso à dignidade humana. Um protocolo da exclusão é insistentemente repetido na família, na escola – mesmo que esse protocolo se acondicione nas estruturas mentais inconscientes dos pais, adultos e professores.

Daiana Flores: Sabe, Ceíça, certo dia, quando fui visitar seu Vivaldo, morador aqui da região, percebi que ele concebia uma separação entre sujeitos empresários e sujeitos solidários. Quando ele me falou da sua admiração por vô Lauro, que vô era empresário, mas empresário civilizado, trabalhava como empregado, atendia a população. Esta fala de seu Vivaldo me marcou, por perceber que a noção de empresário civilizado que atendia a população era algo surpreendente para os moradores, como se fosse difícil conceber um homem que pudesse ser, ao mesmo tempo, um estudioso e prestativo, como pontos distantes que se complementavam.

Daniel Munduruku: Nessa civilização de hoje, que tem pressa, na competição e na substituição de valores predominantes, é importante exercitar outros tempos e outros estilos de pensamento: tempos e estilos marcados pela gratuidade, hospitalidade e cuidado.

Daiana Flores: É mesmo, Daniel, tempos como este que viveu vô Lauro. Fico contente por saber que muitos dos moradores aqui da região consideram vô Lauro uma pessoa diferente de muita gente, um homem que não ligava para dinheiro, dinheiro para ele era normal, não tinha ganância por dinheiro. Dava remédio para todo o povo da redondeza. Dava mais do que vendia. Toda segunda feira, no dia de feira, ele ia pra Belo Campo e lá atendia o povo que ficava tudo atrás dele à procura de remédio. Ele não sabia ganhar dinheiro, ele sabia mesmo era doar; quem sustentava a família era minha bisavó, dona Joaquina.

Lauro Flores: Quando eu comprava algumas coisas na farmácia lá em Conquista, para preparar os medicamentos, comprava escondido da minha esposa, porque ela era brava (risos). Eu escondia tudo lá na farmácia. Como muitas pessoas aqui da região não tinham condições de comprar, eu dava quase tudo. Era só precisar que eu dava. Depois, quando minha esposa descobria, era uma confusão, tínhamos que vender alguns animais

para pagar as coisas que comprava da farmácia. Joaquina é que gerenciava a economia da fazenda.

Daiana Flores: Uma outra moradora, Maria Elizete, falou que muitos moradores da época não tinham condições financeiras para irem ao médico. Na medicina aqui, era só vô Lauro, não tinha outro. Quando as pessoas tinham condições de comprar os medicamentos, vô Lauro vendia, mas quando não tinham condições, ele dava. O senhor, vô Lauro, foi desprendido dos interesses financeiros, contra a mercantilização do saber. Distante da utilização do conhecimento para obtenção de lucros, diferente inclusive da nossa formação educacional que temos atualmente, que, infelizmente, se constitui um mercado lucrativo em muitos lugares.

Daniel Munduruku: Hoje, temos sociedades em que a pessoa é tratada como um objeto ou como possível consumidor de produtos industrializados; em que essa mesma pessoa tem que aprender determinadas regras para o convívio e para gerar novas demandas para alimentar o sistema. A pesquisa hoje é uma marca do conhecimento ocidental. O estudioso pesquisa para tirar do objeto de estudo a propriedade essencial para torná-lo uma inovação tecnológica. Algumas vezes, pouco importa a origem do produto e quem será beneficiado diretamente por ele. O que importa é o valor que ele terá, sobretudo para as pessoas que o adquirirem. O conhecimento indígena, enquanto tem um valor holístico para nós, tem um valor econômico para o ocidental.

Daiana Flores: Percebi bem isso quando folhee o livro *Formulário*, de Chernoviz (1924), ilustrações que demonstram o interesse da indústria farmacêutica em comercializar seus produtos. Nas primeiras páginas do livro, são ilustrados rótulos de propagandas dos remédios com frases como: resultados rápidos, antisséptico incomparável, o mais suave e o mais seguro, o mais poderoso dissolvente, o mais poderoso reconstituente receitado pelos médicos, o melhor alimento para as crianças, à venda em todas as farmácias. A indústria farmacêutica estava se ampliando junto à medicina hospitalar e apresentava esse interesse comercial.

Conceição de Almeida: Bosco Filho (2015) chama a atenção ao avanço da tecnologia no âmbito da medicina, reconhece a importância da tecnologia como um recurso importante para o avanço da biomedicina. Porém, nos lembra de que não podemos negar que, ao mesmo tempo em que se investe nas abordagens tecnológicas, se reduz o contato médico/paciente, possibilitando intervenções fragmentadas. A visão do médico recai sobre a doença, não sobre o doente como um todo, como um ser biológico, social e cultural. Com a emergência da medicina científica, ganha destaque a denominada

medicina hospitalar, o enfermo é expulso de sua casa; inserida no universo da Revolução Industrial e no processo de urbanização do século XVII.

Lauro Flores: Bem diferente do contato médico/paciente da medicina tradicional. Quando alguém me chamava para ir na casa de uma pessoa que estava doente, eu já conhecia alguém da família, nem que fosse de ouvir falar o nome. Chegando na casa, ficávamos proseando, conversávamos sobre as coisas da vida, os acontecimentos aqui da região. A pessoa doente, ou alguém da família, contava os casos que contribuíram para a doença, numa visão mais ampla.

Daiana Flores: Hoje é bem diferente, vô, começando pela formação do profissional de saúde; quando fiz a leitura do livro de Bosco Filho (2015), na parte em que autor faz um relato sobre o seu processo de formação como enfermeiro, consegui perceber um pouco sobre isso. O autor compartilha ter estudado durante o curso sobre os processos de adoecimentos; as inúmeras partes que compõem o corpo humano; a identificação de sinais e sintomas que estabelecem diagnósticos; estratégias de curas. Contudo, num processo de formação, falam pouco sobre a vida, pelo próprio interesse da Ciência numa preocupação de estudar o vivo e não a vida, que envolve todo o campo subjetivo.

Francisco Lucas: Eu conheço Bosco Filho (2015), ele já esteve lá em minha casa na Lagoa de Piató. Lembro de uma manhã de sábado, quando caminhávamos próximos aos baobás da fazenda Curralinho, quando olhei para uma ovelha e disse: “Ei, menina, avisa ao seu dono que você está doente!”. Bosco tomou um susto, não controlou a sua curiosidade e perguntou: “Baseado em quê o senhor afirmou que esta ovelha está doente?”. Respondi: “É só olhar para os olhos dela, claramente, ela mostra um olhar morto, completamente sem brilho. Isso é sinal de que a ovelha está doente e que deve ser cuidada urgentemente. Sei que, na sua faculdade, você deve ter aprendido alguma coisa sobre os olhos das pessoas, entretanto, é preciso entender que, quando um olho não tem brilho, é porque lhe falta a vida, pois a vida é sempre viva e brilhante”.

Daiana Flores: Puxa, Francisco, que história rica! Aprendemos tantas coisas também nos cursos de licenciatura, sobre os conteúdos, programações das aulas, diferentes estratégias, recursos didáticos, mas esse ensinamento que você acabou de falar, só conseguimos por meio do contato mais próximo com o estudante, da nossa vivência do dia a dia. Penso como seria importante se conseguíssemos olhar para os estudantes e perceber por meio do olhar como eles estão. Vejo que esta percepção pode fazer a diferença e ser significativa no nosso relacionamento.

Desse dia em diante, espero que, assim como foi para Bosco Filho (2015) – que passou a ficar atento às expressões do olhar das pessoas que lhe cercavam e que procuravam os serviços de saúde, buscava o brilho da vida e, quando não o encontrava, refletia sobre a importância de ampliar seu cuidado em relação àquele sujeito, uma vez que, com certeza, a doença estava presente em sua vida – eu possa ser no meu exercício da profissão como educadora e em todos os meus relacionamentos que a vida me proporcionar.

Daniel Munduruku: Esta história me fez lembrar dos meus momentos da infância com minha mãe. Quando menino, minha mãe me colocava em seu colo para tirar piolhos da minha cabeça. Fazia isso de forma muito simples, suas mãos deslizavam sem rumo, enquanto ela contava-me histórias, dava-me conselho, ensinava-me as coisas da tradição, em uma educação que partia do afeto. Contar histórias para exercitar a memória é um instrumento afetivo, por isso esta forma de ensinar do seu pai parte do afeto. Contar histórias é, para nós, uma das formas de manter o nosso saber. Acho que educar é como catar piolho na cabeça de criança. É preciso ter confiança, perseverança e um certo despojamento.

Daiana Flores: Percebi muito essa confiança e despojamento dos estudantes para comigo em outros espaços que vivenciamos juntos fora da sala de aula. Numa escola em que trabalhei durante um ano letivo, os estudantes, em sua maioria, gostavam muito de praticar esporte, principalmente futebol. Como estratégia, sempre convidei alguns deles para irem nos treinos de que eu participava semanalmente de futsal; muitos compareciam aos treinos e até treinavam juntos. Nos dias de jogos e amistosos de que o meu time participava, eles compareciam como torcida e ficavam entusiasmados para que conseguíssemos a vitória. Lembro que, no dia seguinte, por toda a escola, eles comentavam para todos os outros colegas sobre os treinos e os jogos, falavam sobre os resultados e lances dos jogos. Esses momentos nos serviram como um instrumento afetivo muito significativo que permitiu que ficássemos mais confortáveis durante as aulas.

Daniel Munduruku: É preciso, também, conquistar a confiança de quem se quer educar para fazê-lo deitar no colo e “ouvir histórias”. Diferente desta sociedade, em que a pessoa é vista como objeto, em que a instituição escolar, a meu ver, é apenas uma retransmissora da tradição letrada do ocidente, que faz crer que o domínio deste conteúdo pode transformar as condições sociais de seus clientes, colocando-os numa situação privilegiada com relação aos outros que não a frequentam. Estuda-se para ser “alguém na vida”.

Conceição de Almeida: Essa forma consolida uma sociedade de múltiplas exclusões e condena as populações não letradas a redutos cada vez mais fechados. Favorece e sustenta uma sociedade que naturaliza, justifica ou autoriza a divisão em classes e a exclusão social. Qualificar alguém como analfabeto é, via de regra, classificá-lo como sem conhecimento, sem cultura.

Como resultado, temos, no limite, o caso dos adolescentes que queimaram um índio em Brasília. Eles “pensaram que era um mendigo”, disseram no depoimento prestado à polícia. Precisamos pensar sobre isso, precisamos falar sobre isso em nossas aulas, precisamos perguntar: que valores culturais são esses que justificam queimar alguém, confinar em campos de concentração, segregar em espaços habitacionais inóspitos, excluir do convívio social?

Daiana Flores: Em valores diferentes dos quais o senhor, vô Lauro, apresentou. Afastado do interesse lucrativo, foi prestativo para as pessoas da região, utilizava dos saberes que apresentava e os tornava úteis no local em que vivia, alcançava e interferia positivamente no modo de viver das pessoas, como alguém que realizava a cura como um ‘dom’ e não como produto para o mercado.

Lauro Flores: Aprendi pelas leituras dos livros de Chico Xavier que “Três verbos existem e que, bem conjugados, serão lâmpadas luminosas em nosso caminho: Aprender, Servir e Cooperar”.

Daiana Flores: Precisamos aprender com esses ensinamentos que vô Lauro, Chico Lucas e Daniel Munduruku têm compartilhado, valores que o dinheiro não pode comprar.

Ética

Daiana Flores: Sempre escutei dos moradores aqui da região que o senhor, vô Lauro, era uma pessoa magrinha, cheia do espírito. Gente fina, muito inteligente e humilde. Querido pelos moradores, não tinha desprezo. Maria Elizete falou que, quando ficou doente, com sarampo, ficou na chaga, que, abaixo de Deus, primeiramente, foi o senhor que tratou; que o senhor ia na Lagoa, onde algumas pessoas moravam, montado no cavalo, levar remédio. Bom para os outros, não precisava melhor.

Lauro Flores: Maria Elizete e toda a família passavam muito tempo por aqui, são amigos da família há muitos anos. Era assim, a farmácia ficava aberta o dia todo, mas algumas pessoas não tinham condições para saírem de casa e me chamavam para ir até a

casa da pessoa enferma. Então, eu ia até a casa da pessoa que estivesse doente. Eu tinha um cavalo que chamava Colosso, com cor de café e gordo. Vivi montado nesse cavalo. Tinha dias que passava o dia todo pelas estradas, chegava em casa à noite. Colosso era meu meio de transporte para atender o pessoal, ia montado na cela. Às vezes, quando eu estava indo em alguma casa para atender alguém que não tinha como vir aqui na farmácia, quando estava indo pelas estradas, por causa da distância, eu acabava cochilando em cima do cavalo, e, quando o cavalo chegava em uma porteira no caminho, ele voltava aqui para casa sem eu perceber. Quando eu abria os olhos, o cavalo já estava na porta aqui de casa e não completava a viagem.

Daiana Flores: Vó Lícia me contou essa história. Falou que, quando o senhor chegava à noite em casa e eles já estavam deitados, ela escutava as pegadas do seu cavalo, que o senhor levava até o fundo da casa para tirar a cela. Qualquer pessoa o senhor ia na casa. Viajava não sei quantas léguas para poder ir dar remédio para o povo. Uma pessoa falava com outra e indicava para ir em seu Lauro quando um conhecido estava com alguém enfermo na família. Quando alguém chegava na farmácia falando que seu conhecido estava doente e explicando os sintomas, o senhor se oferecia para ir na casa da pessoa. Colocava uma pasta do lado e carregava tudo, seringa, remédio, algodão. Esse pessoal mais velho aqui dizia: “vamos na casa de seu Lauro; quando não dava para ir, mandava recado para ele, que montava no cavalinho e ia até a pessoa. Era um farmacêutico forte aqui na região”. Um tropeiro do conhecimento.

Lauro Flores: Como um tropeiro, realizava um trabalho diferente dos atendimentos de saúde conhecidos hoje.

Daiana Flores: Percebo justamente isso, como os tropeiros que percorrem pelas estradas como condutores de produções comerciais que passam por aqui na rancharia, o senhor, vô, não se conteve em ficar apenas na farmácia para atender as pessoas que tivessem possibilidade de irem a seu encontro, mas, pelo contrário, percorreu a região para levar o seu conhecimento de forma que pudesse contribuir para o bem-estar dos cidadãos. Como já ouvi muito destas histórias aqui dos moradores, passava remédio para todo mundo, saía a cavalo, tinha um doente, o senhor ia na casa. Os nossos amigos cansaram de me falar que o senhor, vô Lauro, era uma pessoa muito prestativa, montava em um cavalinho castanho e andava na casa desses mais velhos aí pela vereda, aplicando injeção, farmacêutico que entendia muita coisa. Montava no cavalinho castanho aqui e ia atender lá na lagoa de Zé Luiz, Tremedal, Belo Campo, Quaraçu, era quem chamasse, vamos supor assim, que nem parteira, quando manda chamar. Esse reconhecimento do

senhor, vô Lauro, como uma pessoa solidária e generosa sempre foi muito marcante nessas histórias que ouvi.

Conceição de Almeida: Morin (2005) afirma que a solidariedade e a responsabilidade do indivíduo são fontes da ética humana. A solidariedade se manifesta, de maneira imperativa, como exigência moral. O seu imperativo origina-se numa fonte interior ao indivíduo, que o sente no espírito como a injunção de um dever. Mas ele provém também de uma fonte externa: a cultura, as crenças, as normas de uma comunidade. Há, certamente, também uma fonte anterior, originária da organização viva, transmitida geneticamente. Para Morin, o indivíduo é constituído por três fontes interligadas: a fonte biológica, transmitida geneticamente, a fonte individual, interior ao indivíduo, e a fonte social, da cultura. Essas três fontes são interligadas como se tivessem um lençol subterrâneo em comum, podemos distinguir, mas não isolar umas das outras.

Daiana Flores: Hoje, esses valores que foram praticados por vô Lauro há muito tempo na sociedade tradicional têm deixado de existir, estamos interligados numa realidade social bem diferente. Infelizmente, somos surpreendidos quando nos deparamos com pessoas que praticam atitudes que beneficiam o próximo sem quererem nada em troca. Existem até programas de televisão que realizam quadros com algumas atividades para estimular a prática beneficiadora nas pessoas, como atitudes que têm se tornado raras. Esses dias, estava assistindo a um programa com um desses quadros, em que os personagens iam às ruas e representavam uma circunstância em que uma pessoa estava precisando de uma ajuda, para ver se alguém se prontificava a ajudar, enquanto as câmeras estavam escondidas. Se alguém se prontificasse e ajudasse o personagem necessitado, a pessoa era premiada.

Conceição de Almeida: No livro *O método 6*, Morin (2005) discute que os tempos modernos produziram deslocamento e rupturas éticas na relação trinitária indivíduo/sociedade/espécie. Para Morin, ser sujeito comporta um princípio de exclusão e inclusão. O princípio de exclusão significa que ninguém pode ocupar o espaço egocêntrico onde nos exprimimos pelo nosso Eu. Por exemplo, dois gêmeos univitelinos podem ter tudo em comum, mas não o mesmo eu. Garante a identidade singular do indivíduo. O princípio de inclusão manifesta-se desde o nascimento pela pulsão de apego à pessoa próxima, é instintivo, como um passarinho que sai do ovo e segue a mãe.

Nessa concepção de Morin (2005), cada um vive para si e para o outro de maneira dialógica, ou seja, ao mesmo tempo, complementar e antagônica. Ser sujeito é associar egoísmo e altruísmo. Assim, tudo acontece como se cada indivíduo comportasse um duplo

software, um comando é o “para si”, e outro comando, o “para nós” ou “para o outro”, o comando o egoísmo, o outro comando, o altruísmo.

Daiana Flores: Nestes dias que vivemos, infelizmente, pouco percebemos este diálogo do viver para si e para o outro, pouco temos utilizado do comando do *software* “para o outro”. Estamos inseridos numa sociedade muito individualista, que tem estimulado mais o comando *software* “para si”.

Conceição de Almeida: Lembra-nos Morin (2005) que o individualismo também é fonte de fortalecimento do egocentrismo; este se desenvolve em todos os campos e tende a inibir as potencialidades altruístas e solidárias, o que contribui para a desintegração das comunidades tradicionais. O desenvolvimento do individualismo conduz ao niilismo, que produz sofrimento; a nostalgia da comunidade desaparecida, a perda dos fundamentos, o desaparecimento do sentido da vida e a angústia que disso resultam. O indivíduo tem um sentimento poderoso do egocentrismo, que o estimula ao egoísmo, enquanto a sociedade comporta rivalidade, competição, lutas entre egoísmos.

Daiana Flores: Vejo que precisamos religar as fontes da sociedade tradicional, desta sociedade que o senhor, vô Lauro, teve a oportunidade de viver, desses valores que apresentou que lhe proporcionaram ser reconhecido por aqueles que conviveram com o senhor com tanta admiração. Histórias que também ouvi durante a infância das minhas tias, Raquel e Helena (filhas de Lauro Flores), que o senhor sempre foi solidário. Por esta estrada em frente à casa grande, sempre passaram muitas pessoas, viajantes, tropeiros, pessoas em várias situações, cansadas e com fome, e o senhor acolhia a todos nesta rancharia grande aqui do lado da casa.

Conceição de Almeida: Conforme Edgar Morin (2005), a crise da nossa época é, ao mesmo tempo, crise da religação com o outro, religação com uma comunidade, religação com uma sociedade. Importa refundar a ética; regenerar as suas fontes de responsabilidade-solidariedade, o que significa, ao mesmo tempo, regenerar o circuito de religação indivíduo-espécie-sociedade na e pela regeneração de cada uma dessas instâncias. Essa regeneração pode partir do despertar interior da consciência moral, do surgimento de uma fé ou de uma esperança, de uma crise, de um sofrimento, de um amor e, hoje, do chamado vindo do vazio ético, da necessidade que vem da deterioração ética.

Francisco Lucas: É cuidar uns dos outros como acontece com os seres na natureza. Certo dia, quando caminhava na Lagoa de Piató com Bosco Filho (2015), nos deparamos com uma carnaúba que tinha aderido ao seu imenso tronco um cacto, que se mostrava extremamente vivo e já com sinais de que flores poderiam brotar. No mesmo

momento, Bosco me perguntou como aquilo poderia acontecer, e expliquei que aquele era um exemplo de que, na natureza, os seres são parceiros, eles se ajudam mutuamente para que todos possam viver da melhor forma. A interação acontecia já mesmo antes do cacto entrar em contato com a carnaúba porque, para que este nascesse em um lugar tão alto, foi preciso que um passarinho tivesse ingerido a semente e a eliminado na carnaúba, que, oferecendo sua seiva, possibilitou o crescimento da outra planta.

Daiana Flores: Puxa, Chico, como podemos aprender com essa contribuição do passarinho na natureza, semelhante à contribuição que existia entre as pessoas aqui da região e vô Lauro, numa solidariedade que fazia com que vô Lauro percorresse a qualquer hora da noite para atender alguém que o chamasse, a andar não sei quantos quilômetros sentado no cavalo para buscar tratar alguém que estivesse enfermo.

Lauro Flores: Desse jeito, minha neta. O importante da vida está nas simples coisas, como poder sentar nesta roda de conversas com todos vocês e prosear durante horas como estamos fazendo.

Daiana Flores: Verdade, vô, precisamos valorizar esses momentos. Por mim, eu ficaria aqui proseando até amanhecer, mas sei que está ficando tarde e que Ceíça, Daniel e Francisco precisam descansar para seguirem viagem.

Lauro Flores: Mas, antes de irmos deitar, vou pegar a viola para cantarmos uma música.

Conceição de Almeida: Chico também gosta de tocar, parece mais uma orquestra inteira.

Lauro Flores: Que coisa boa, Chico! Vou pegar os instrumentos para podermos tocar.

Daiana Flores: Debaixo deste pé de jatobá, quase impossível não lembrar da música de Toquinho.

Lauro Flores: A sombra de um jatobá?

Daiana Flores: Essa mesma, vô.

Lauro Flores: Chico me ajuda na viola, e vocês ajudam cantando.

A sombra de um jatobá

Olhar no céu estrelas pra contar
Ter meus amigos comigo
Quem amo me amando, sim
Longe do a - mor de quem nos finge amar
Ver na manhã de um domingo
Meu filho sorrir pra mim
Depois dormir à sombra de um jatobá

Poucas coisas valem a pena
O importante é ter prazer
Longe de mim a inveja e a maldade escondidas na vida
Hoje estamos nós em cena e não há tempo a perder
Pois tudo acaba mesmo sempre em despedida
Ter meus amigos comigo
Quem amo me amando, sim
Longe do amor de quem nos finge amar
Ver na manhã de um domingo
Meu filho sorrir pra mim
Depois dormir à sombra de um jatobá
-Toquinho

Daiana Flores: Que som de viola bom! Se não estivesse tão tarde, continuaria aqui com vocês por mais tempo. Mas sei que precisam dormir para descansarem e prosseguirem viagem amanhã.

Lauro Flores: É mesmo, Dai! Já está tarde, vamos dormir na esperança de que amanhã será um belo dia. Prazer em poder passar esta noite proseando com vocês, saibam que a nossa porteira sempre estará aberta para voltarem mais vezes.

Conceição de Almeida: Muito bom, seu Lauro! Retornaremos sim.

Francisco Lucas: Sim, então, vamos deitar.

Daniel Munduruku: Vamos!

Daiana Flores: Bom descanso para vocês e lembrem que as nossas porteiras sempre estarão abertas para dialogarem com os vários saberes.

PARA PENSAR E AGIR EDUCADORES E ESTUDANTES

Por meio do percurso realizado para a construção deste trabalho, consegui alcançar a estratégia proposta inicialmente de refletir sobre algumas questões que envolvem o ensino, complexidade e saberes da tradição.

No início da pesquisa, no ato de parar para escutar os guardiões das histórias de Lauro Flores, percebi a emoção de terem vivido um tempo que muito pode ensinar a este tempo presente. Contagiada pela forma como compartilhavam as histórias, por uma magia pelo brilho no olhar, pelo contentamento em falar das suas vivências como algo significativo para eles e que pudesse contribuir para minha vida, escutei-os com o coração; semelhante ao que propõe Daniel Munduruku (2015), quando afirma que precisamos ouvir as narrativas com o coração, que ninguém pode querer ouvir da sua ancestralidade com ouvidos racionais. Desse jeito, como sugere o autor, conheci das histórias das minhas próprias raízes e aprendi que as pessoas idosas que viveram em um tempo passado, sempre nos trazem algo novo.

Além disso, percebi nos guardiões qualidades que sempre estiveram presentes na minha forma de expressar, de viver, mas que, em alguns momentos, foram inibidas por conta da distância e do tempo que deixei de frequentar a região. Perceber essas semelhanças me proporcionou um sentimento de pertencimento que foi significativo para que eu pudesse recriar as histórias que ouvi a partir de um novo texto narrativo, por meio de uma roda de conversas, na qual integrei de forma confortável e consegui dar voz ao meu bisavô.

Construir este texto não foi uma tarefa fácil; em alguns momentos, confrontei-me com dois mundos que vivenciei. De um lado, estava a Daiana, ligada pela afetividade à região Deus Dará e seus moradores; do outro, a Daiana instruída pela razão que cresceu e viveu dentro dos ambientes escolares e se formou em licenciatura em Química. Em certo momento, precisei lidar com elas para construir este trabalho, ora dando voz a uma, ora permitindo que a outra também se manifestasse. Até que compreendi que sou constituída tanto pela razão como pela emoção, como afirma Edgar Morin (2000), quando diz que o homem da racionalidade é também o da afetividade, que a capacidade de emoções é indispensável ao estabelecimento de comportamentos racionais e que a afetividade pode asfixiar o conhecimento, como também a faculdade de raciocinar pode ser diminuída ou mesmo destruída pelo déficit de emoção. Portanto, percebi, como afirma o autor, que não

há um estágio superior da razão dominante da emoção, propondo um diálogo entre a razão e imaginação por meio de uma narrativa híbrida.

Percebi que, ao mesmo tempo em que sou uma, também sou múltipla, conforme a concepção complexa do ser humano que apresenta Edgar Morin (2007), percebendo que não somos apenas o *homo sapiens*, dotado de razão, mas também o *homo demens*, dotado de loucura, *homo mythologicus*, dotado de sonhos, imaginários. Então, precisei acionar uma estratégia cognitiva de pensamento que me possibilitou religar a Daiana da região Deus Dará à Daiana marcada pela formação acadêmica.

Quando comecei a religar uma parte dentro de mim que estava afastada da outra, integrei esta roda de conversas, tanto como educadora, que apresenta questões sociais da disciplina de Química, como também como neta de Lauro Flores, com suas questões humanas, particulares. Assim, acredito que me aproximei do que Edgar Morin fala sobre religar saberes, a partir de um texto que apresenta conhecimentos que põem em movimento o local-global, particular-universal, razão-emoção e o conjunto de ciência e não ciência, com sujeitos com suas experiências enraizadas nas experiências simultaneamente individuais e locais e globais e universais.

Dialogar com Lauro Flores nesta roda de conversas me possibilitou refletir sobre a vida do meu bisavô como um educador complexo que construiu conhecimento pertinente, como afirma Edgar Morin (2017), que esteve inserido em seu contexto e foi capaz de dialogar com outras narrativas sobre o mundo em direção a uma ecologia das ideias; como também um intelectual da tradição, aquele que fez da tarefa de transformar informações em conhecimento uma prática cotidiana; essa é a concepção do intelectual da tradição realizada pela analogia do artesão do pensamento por Conceição de Almeida (2017), quando apresenta semelhanças entre o trabalho do oleiro, de dar forma ao barro, e o do intelectual da tradição, de manipular informações brutas e transformá-las em conhecimento. Dessa forma, Lauro Flores, como educador complexo e intelectual da tradição, conseguiu promover o diálogo entre os saberes científicos e os saberes da tradição. Utilizar essas histórias do meu bisavô foi uma estratégia de organização do pensamento que possibilitou entrelaçar as temáticas sobre o tempo, saberes da tradição e ética.

Esta pesquisa serviu como uma oficina do pensamento em que cada participante foi experimentando as ideias do outro, ajustando aqui e ali, tecendo em conjunto os fios, alcançando uma ideia compreensível para um número maior de pessoas. A partir disso, torno-me uma docente que tem uma tarefa de realizar exercícios do pensamento

semelhantes a este que fizemos na roda de conversas, de tornar a sala de aula um espaço aberto para permitir que, junto aos discentes, venhamos a tecer novos conhecimentos; em encontros com os discentes em que todos consigam expressar as suas ideias, a partir de um diálogo aberto e respeitoso entre os saberes, que os estudantes estejam implicados na construção do conhecimento, em trabalhos que possam permitir diferentes estratégias de organização de pensamento, sem, muitas vezes, ter como finalidade apresentar conclusões prontas, formas de pensar acabadas e isoladas de seu contexto.

Que a sala de aula seja um espaço em que outros saberes, para além dos saberes escolares, poderão contribuir e interferir para a aprendizagem dos discentes de forma significativa, por meio de relações entre conhecimentos que sejam relevantes para a vida; como sugere Conceição de Almeida (2017), que venhamos dialogar com os diferentes pontos de vistas, num exercício individual de permitir e escutar outras verdades, experimentar outras circunstâncias, outros valores, longe da oposição e da tradução de um saber pelo outro, mas operando na complementaridade, pelas distintas estratégias de pensar o mundo contidas nas constelações de saberes outros, como os saberes da tradição.

Penso em como pode ser interessante conciliar os vários domínios da complexidade humana dentro da sala de aula, numa facilidade de falar sobre a ancestralidade e o outro compreender, sem ser preciso varrer para debaixo do tapete as nossas histórias. Como continuadora das histórias da família Flores, espero poder compartilhá-las como uma estratégia para discutir dentro da sala de aula junto aos estudantes sobre várias questões que envolvem a vida humana, tanto pela valorização das histórias da minha família, como também pela valorização das histórias de vida dos discentes. Como afirma Daniel Munduruku (2015), quando a gente se percebe continuador de uma história, nossa responsabilidade cresce, e o respeito pela história do outro também. Tomara que outros educadores também possam conhecer das suas histórias, possam permitir que os estudantes valorizem as suas. Assim, quem sabe, trazer a figura dos antepassados para dentro da sala de aula, trazer suas histórias, seus comprometimentos, suas angústias, sua humanidade possa diminuir a distância entre os conhecimentos considerados antigos, não válidos e aquilo que, hoje, é considerado científico.

É uma narrativa que pode ser usada de diferentes modos para ensinar, construída a partir do que estimula a poetisa, psicanalista e contadora de histórias Clarissa Estés (1998): precisamos conhecer e criar histórias juntamente a outras pessoas, que podem ser usadas para corrigir erros, iluminar, auxiliar a transformação, curar ferimentos, recriar a

memória. Segundo a autora, não existe um jeito certo ou errado de contar uma história, seu principal objetivo consiste em instruir e embelezar a vida da alma e do mundo, nenhum de nós irá viver para sempre, mas as histórias conseguem.

Hoje, quando retorno à região Deus Dará, aquele lugar passou a ser muito mais do que um espaço marcado apenas pelas minhas lembranças da infância, passou a ser marcado pelas histórias da família Flores pelo patriarca Lauro Flores, um homem que foi lembrado como uma pessoa de responsabilidade e solidariedade, num sentimento expresso pelos moradores no dia da sua morte, quando se ouviam lamentos pela morte do médico dos pobres. Em sua homenagem, uma escola municipal no povoado de Pau de Espinho e uma rua na cidade de Belo Campo-Ba carregam o seu nome; em Vitória da Conquista-Ba, a memória de Lauro Flores está presente em diversos espaços públicos, representados pelo nome dos seus familiares: Avenida Olívia Flores, Rua Elpídio Flores e Estádio Edvaldo Flores.

Em virtude de tudo isso, tornei-me uma guardiã dessas novas histórias, que podem ser utilizadas como contribuição para refletirmos sobre a educação deste século. Reconheço que este trabalho pode ser utilizado como estratégia para pensarmos nos vínculos da sociedade tradicional, num tempo em que não podemos apenas sobreviver, mas viver bem. Dessa forma, neste tempo presente, na região Deus Dará, fomos presenteados por Deus com mais uma história, que pode ser ensinada de diferentes formas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. 1ª ed. Editora Livraria da Física. São Paulo, 2010.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e educação: Razão apaixonada e politização do pensamento**. 2ª ed. v. 1. Curitiba: Appris, 2017.
- BOSCO FILHO, João. **As lições do vivo: ciências da vida e complexidade**. 2ª ed. Natal, RN: EDUFRN, 2015.
- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de medicina popular**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851.
- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Formulário e guia médico**. 19ª ed. Paris: casa do autor, 1924.
- DE MEIS, Leopoldo. **Ciência, Educação e o Conflito Humano-Tecnológico**. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2ª ed. ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- LETTIÈRE, Roberto. **Belo Campo: Minha terra, Minha gente**. São Paulo: HR Gráfica e Editora, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Tradução Chaim Samuel Katz; Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução Tânia Pellegrini. 5. ed. Campinas S P: Papirus, 1989.
- MEDEIROS, Aline da Silva. Autoria científica do doutor Chernoviz entre a vulgarização da medicina e a formação profissional: o caso do Dicionário de medicina popular, 1842-1890. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, jan.-mar. p. 33-49, 2018.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 23 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. Maria da Conceição de Almeida, Edgar de Assis Carvalho, (orgs.), 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2 ed. São Paulo: Cortez, UNESCO, 2000.

MUNDURUKU, Daniel. **Sobre piolhos e outros afagos**. Ilustrações de Maria do Rosário F. de Souza. São Paulo: Editora Palavra de Índio, 2005.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando**. Participação de Ceiza Almeida. São Paulo: Editora UK'A, 2010.

NARRADORES de Javé. Direção de roteiro Eliane Caffé; Produção de roteiro: André Montenegro, Caio Gullane, Fabiano Gullane e Vania Catani. Rio de Janeiro, 2003, (110 min.).

OLIVEIRA, Lucas Amaral. **Variações nos perfis de hidrocarbonetos cuticulares associadas ao polietismo etário em *Polybia paulista* (Hymenoptera: Vespidae)**. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, 2013, 53 p.

PONTO de Mutação. Direção de roteiro: Bernt Amadeus Capra; Produção de roteiro: Frijof Capra (baseado no livro de mesmo título - Frijof Capra, 1992). EUA, 1992, (110 min).

SILVA, Francisco Lucas da. **A natureza me disse**. Natal: Flecha do tempo, 2007.

SILVA, Francisco Lucas da. **Um sábio na natureza**. Natal: IFRN, 2015.

SNOW, Sharles Percy. **As duas culturas e uma segunda leitura**. 1ª. ed. v. 1. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

STENGERS, Isabelle. **A Invenção das ciências modernas**. Tradução Max Altman. São Paulo: Editora 34, 2002.

GLOSSÁRIO

Complexidade	É uma outra forma de falar de relação dos saberes, numa ideia em que as coisas com as quais lidamos ou queremos conhecer são multidimensionais, têm múltiplas faces, são em parte indeterminadas, incertas, compostas por elementos heterogêneos inseparavelmente associados. Nesse sentido, é essencial a autoformação, a aprendizagem de sentir-se implicado, de experimentar outras circunstâncias, de sair do domínio da especialidade para posteriormente voltar a ele mais acrescido.
Constelações de saberes	Estilos de pensar o mundo e sistematizar saberes e experiências vividas além dos conhecimentos científicos, saberes que operam compreensões e explicações dos fenômenos à nossa volta e dos quais somos parte, produto e produtores.
Guardiões das histórias	Pessoas que guardam recordações com estima por considerarem relevantes e as compartilham a partir de diferentes formas de ensinar.
Narrativa híbrida	Narrativas que possibilitam um diálogo entre razão e imaginação, mito e ciência, universalidade e particularidade, diversidade e especificidade, global e local, a ciência instituída e os saberes da tradição.
Oficina do pensamento	Ambiente em que as pessoas expõem suas experiências, reflexões, conhecimentos que podem contribuir para o ensino e aprendizagem. Cada participante experimenta e ajusta as ideias do outro, a fim de complementá-las e

torná-las compreensíveis para um número maior de pessoas.

Tecer conhecimentos

Acolhe a metáfora de uma tapeçaria contemporânea que comporta fios de linhas de seda, de algodão e de lã, com cores variadas. Tecer fios do conhecimento comporta em fazer dialogar, relacionar e buscar pontos de aproximação dos conhecimentos para uma compreensão mais alargada e múltipla de um fenômeno.

ANEXOS

Imagem 1: Lauro Silveira dos Santos Flores.



Fonte: própria autora (2018).

Imagem 2: Joaquina Lopes Ferraz Flores e Lauro Silveira dos Santos Flores.



Fonte: própria autora (2018).

Imagem 3: João Jerônimo e Maria Madalena.



Fonte: própria autora (2018).

Imagem 4: Sogros de Lauro Flores: Rafael Lopes Moitinho e Tereza Lopes Ferraz.



Fonte: própria autora (2018).

Imagem 5: Maria Lícia Flores e Daiana Flores na casa da Fazenda Deus Dará.



Fonte: própria autora (2018).

Imagem 6: Registro das letras iniciais do nome Lauro Flores e do ano em que foi construída a casa grande em Deus Dará.



Fonte: própria autora (2018).

Imagem 7: Caminho na fazenda Deus Dará por onde percorri para me encontrar com os guardiões das histórias de Lauro Flores.



Fonte: própria autora (2018).

Imagem 8: Escola Municipal Lauro Flores no povoado de Pau de Espinho - BA.



Fonte: própria autora (2018).

Imagem 9: Rua Lauro Flores/Belo Campo - BA.



Fonte: própria autora (2019).